

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

CAMARGO, Aspásia Brasileiro Alcântara de. Aspásia Camargo IV (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 37min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Aspásia Camargo IV
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Celso Castro; Mário Grynszpan;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 12/03/2012 a 12/03/2012

Duração: 2h 37min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Temas: Azevedo do Amaral; Cândido Mendes de Almeida; Ceará; Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Ciências Sociais; Desenvolvimento sustentável; Ditadura; Elites; Ensino primário; Estados Unidos da América; Faculdade Nacional de Filosofia; Família; Financiadora de Estudos e Projetos; França; Getúlio Vargas; Golpe de 1964; História oral; História política; Infância; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Instituto Superior de Estudos Brasileiros; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Jornalismo; José Américo de Almeida; Ligas camponesas (1955-1964); Marxismo; Mobilização política; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Partido Verde - PV; Pensamento político; Pierre Bourdieu; Política; Pontifícia Universidade Católica; Revolução de 1930; Rio de Janeiro (cidade); Sociologia; União Nacional dos Estudantes; Wanderley Guilherme dos Santos;

Sumário

Entrevista: 12.03.2012 A origem cearense da família do pai, José Brasileiro Alcântara; a figura do pai; o nascimento na fazenda da família, na cidade do Rio de Janeiro; o grande número de casas onde morou; o convívio com os pais; as escolas do ensino primário; o ensino científico e o desejo de cursar jornalismo; o interesse pelo programa curricular da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi); a entrada na FNFfi, em 1961; a mobilização política da faculdade; as colegas da faculdade; a participação no Partido Comunista Brasileiro (PCB); os centros de estudos políticos da faculdade; o envolvimento da geração de 64 nas questões políticas da época; a herança cultural do pai; o curso no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb); o golpe militar de 1964; principais autores lidos durante a faculdade; o contato com a literatura na infância; a predominância do marxismo nas obras da faculdade; o momento de inquietude após o golpe militar; o episódio do incêndio no prédio da União Nacional de Estudantes (UNE); o projeto de pesquisa com Wanderley Guilherme dos Santos; o interesse pelo tema das mudanças ocorridas no pensamento político brasileiro entre as décadas de 30 e 50; a ida às reuniões do PCB com a mãe; o período como professora na Pontifícia Universidade Católica- RJ (PUC), no curso de “Estrutura e dinâmica da sociedade brasileira”; o curso para lideranças estudantis brasileiras, em 1962; as diferenças culturais observadas nos Estados Unidos; artigo sobre Azevedo do Amaral, elaborado dentro do projeto com Wanderley Guilherme dos Santos; a decisão de ir para Paris após conhecer seu futuro marido, Sérgio Camargo, em 1967; a procura por cursos de especialização na França; a importância de Cândido Mendes nas ciências sociais brasileiras; a influência da obra do cientista político Karl Wolfgang Deutsch; o início do curso de especialização na Universidade de Paris, em 1967; a participação em seminários de grandes nomes das ciências sociais; o curso com o sociólogo Pierre Bourdieu; o diálogo com a sociologia americana; a pesquisa com Alain Touraine; a ideia de comparar o pensamento político brasileiro dos anos 30 com o dos anos 50; a metodologia didática de Touraine; o trabalho com o tema das Ligas Camponesas; o impacto na França do movimento de maio de 1968; a escolha entre ir para o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC); a decisão de voltar para o Brasil, em março de 1974; o trabalho inicial na organização dos arquivos do CPDOC; análise da Revolução de 30 através

da noção de Estado concebida por Touraine; os primeiros pesquisadores da equipe do CPDOC; os poucos estudos na época sobre a história política brasileira dos anos 30; análise sobre a condição política de Getúlio Vargas em 1930; a relação com as instituições de financiamento de pesquisas acadêmicas; os primeiros trabalhos realizados pelo CPDOC; a rejeição do campo acadêmico da época em relação à metodologia da história oral; vantagens da história oral do ponto de vista metodológico; as matrizes iniciais do programa da história oral; a problemática da metodologia da história descritiva; trabalho sobre o escritor José Américo de Almeida utilizando a metodologia de história oral; a contribuição do CPDOC para os estudos políticos brasileiros; o enfoque do CPDOC no estudo sobre as elites; o desenvolvimento do campo político brasileiro; a equipe de pesquisadores do CPDOC; o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep); a característica do CPDOC em conciliar a pesquisa com a documentação; a importância da ousadia nos trabalhos acadêmicos; o conceito de pacto federativo; afastamento do CPDOC, no final da década de 80; conflitos dentro do programa de história oral; o acompanhamento da conjuntura política nacional paralelamente à produção acadêmica; a participação na CPI da Saúde do Rio de Janeiro; a passagem pela Secretaria de Cultura; o papel de mediadora política; o auxílio ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); a entrada no Partido Verde (PV); a importância do desenvolvimento sustentável; o novo panorama mundial em relação ao capital natural; a necessidade de uma nova lógica de produção sustentável; os quarenta anos do CPDOC.

Entrevista: 12/03/2012

Celso Castro – Bom, Aspásia, a gente vai começar querendo conversar sobre a sua origem, origem da família. Eu não sabia que seu pai era militar. Família do Ceará. É isso? Você podia falar um pouquinho de como é que, depois, você estudou na... antigo... Antes da faculdade. Não sei qual o nome...

Aspásia Camargo – É, na Universidade do Brasil, a Faculdade de Filosofia. Faculdade Nacional de Filosofia.

C.C. – Não. Antes. No colégio. Lafayette.

A.C. – Ah. No colégio. Eu fui, Lafayette. Eu tive, eu passei por muitos colégios. Isso é uma característica assim da minha vida. Mas, enfim, vamos começar...

C.C. – Mas você nasceu no Rio mesmo.

A.C. – Eu nasci no Rio. Meu pai é cearense, de uma família tradicional política, o pai dele foi prefeito durante 30 anos, de São Gonçalo do Amarante, que é uma... Era cidadezinha pequena, assim a uns 60 quilômetros de Fortaleza, e vários membros da família muito envolvidos com política, mas depois, um primo dele, primo-irmão, que depois se casou, inclusive, com a irmã dele, foi um político proeminente no Ceará. Ele foi deputado federal, senador, foi vice-governador e depois foi governador do estado do Ceará, que foi Valdemar Alcântara. E o tio Valdemar era... Depois, o filho dele, Lucio Alcântara, fez uma carreira ainda mais importante que a do próprio pai, porque ele foi também prefeito de Fortaleza e, enfim, governador, muito influente também. Então eu sempre tive uma fascinação muito grande por esse lado da família, que era um lado PSD. Meu tio Valdemar era o representante do Amaral Peixoto no Ceará. E eu, muito pequena, eu me lembro, assim garota, eu ficava fascinada, porque nós vivíamos em casa um pouco assustados com os problemas do meu pai, porque meu pai era um oficial nacionalista que fez parte daquele grupo que defendeu o Clube Militar e que defendeu o monopólio do petróleo, estatal do petróleo, contra a guerra na Coréia, essas coisas todas; então o clima, era um clima de tensão, que eu vivi muito grande, quando, por exemplo, houve a crise do..., com a morte do Getúlio, a crise da posse do Juscelino. E meu pai nessa época servia em Mato Grosso, e eu vivi ali o medo, o medo literalmente, de enfrentar aquela

situação de guerra civil quase, que meu pai podia morrer de repente ali naquela confusão. Então era esse mais ou menos o... E meu pai era uma pessoa extremamente intelectualizada, vamos dizer assim, era um homem que lia Nietzsche, que teve um irmão que era... teve uma liderança incrível no Ceará, porque ele foi... Enfim, era marxista inclusive, e depois foi assassinado brutalmente por causa de uma briga lá em torno de fascismo e não sei quê. Mas, enfim, era uma família... Meu pai, particularmente, era uma pessoa superdotada nessa questão da percepção política e intelectual do mundo; ele não era apenas uma pessoa engajada politicamente, ele era um homem que tinha um compromisso muito grande com ideias, com propostas. Era uma pessoa que deveria ter sido um jornalista ou alguma coisa dessas. E, logicamente, ele transferiu para mim esse desejo.

Mario Grynspan – Você é filha única?

A.C. – Eu tenho um irmão seis anos mais moço que eu. Mas durante algum tempo eu fui filha única. E a outra característica: a minha mãe é filha de portugueses, minha avó tinha uma fazendola – que é uma graça – chamada Fazenda do Bananal, ali no maciço da Pedra Branca, ali no Barata, em Realengo, ali no alto, e eu nasci nessa fazenda, inclusive. Acho que eu sou a única pessoa viva que nasceu numa fazenda. Não nasci num hospital. E era uma fazenda muito bonita, que virou um símbolo um pouco ali, no Realengo. Todo mundo queria que se transformasse num centro cultural, e acabou que virou ali um... Há pouco tempo, eu vi que virou coisa ruim: jogavam os cadáveres ali, que os bandidos matavam e jogavam ali no terreno. Mas eu tenho até hoje a fotografia daquelas fazendas do Império assim, do... Deve ter sido engenho de cana que ficou por ali. E uma família, então, de subúrbio carioca. Meu avô era da Marinha Mercante, trabalhava na Marinha Mercante, depois eu tive um tio, também, que foi da Marinha Mercante. Então esse era o meu contexto, assim. Mas o que caracterizou a minha vida foi a deambulação. Eu fui contar outro dia, eu acho que eu tive uma quantidade tão grande de casas que eu morei, que eu acho que ninguém... Era praticamente uma casa a cada dois anos. Então meu pai serviu em vários pontos do Brasil, serviu no Rio Grande do Sul, em Mato Grosso, eu também morei fora. Enfim, então eu andei por muitos lugares. E de fato, quando eu... garota assim... E também morei em vários bairros do Rio. Eu morei em Realengo, morei em Jacarepaguá em três lugares diferentes, morei em Vila Isabel, morei em Magalhães Bastos, onde tinha a Vila Militar, morei em Copacabana, morei em Ipanema; e em várias casas. Então

isso faz uma constelação assim muito ampla de experiência de lugares e um pouco de... Uma sensação, um pouco, dessa multiplicidade de lugares e pessoas e tudo. Mesma coisa o colégio.

M.G. – Sua mãe estudou, Aspásia?

A.C. – Ham? Minha mãe estudou até a segunda série, porque ela tinha um problema, imaginem só, ela tinha um problema, porque ela tinha que levar uma hora e meia, a pé, para pegar um trem para ir. Não sei se era para Santa Cruz ou para coisa, onde tinha o colégio, e uma hora e meia para voltar, e aquilo preocupava a família e tal, ela fez até o segundo ano ginásial. Depois, já madura, ela voltou a fazer e terminou o ciclo dela, básico. Então era isso, era uma coisa que... Minha mãe também sempre acompanhou muito meu pai nas visões que ele tinha. E eu fui privilegiada por esse pai que eu tive, que era um pai que era feminista. Ele tinha, inclusive, já velhinho, bem velhinho mesmo, ele escrevia sem parar um livro de Antropologia sobre a origem do homem e descobria coisas incríveis sobre isso. E uma das coisas que ele dizia era que as mulheres eram as mais sacrificadas, que passaram séculos e séculos, quase milênio, com os filhos nas costas, sem família, mães solteiras, sendo responsabilizadas por todas a... Pelo destino da espécie humana. “Essas mulheres são abnegadas, essas mulheres são superiores aos homens”, era o que ele dizia para mim o tempo todo; e a minha mãe, certamente, gostava de ouvir isso.

C.C. – Qual era o nome do seu pai?

A.C. – Meu pai era José Brasileiro Alcântara. E minha mãe, Norma Brasileiro Alcântara.

C.C. – Ele ficou na carreira até?

A.C. – Não. Ele saiu... Quando o Jânio assumiu, ele achou que ia ser muito perseguido, porque como ele tinha uma ligação com o grupo mais nacionalista que foi derrotado pelo Lott, que apoiava o Lott, que foi derrotado pelo Jânio, ele, então, achou que devia sair. Aí foi trabalhar com empresas de engenharia. E até construiu Angra, aquele complexo ali de Angra, ele esteve na parte de administração dessas obras. Fez muitos amigos engenheiros jovens, que adoravam ele. Ele tinha um carisma danado. Todo mundo adorava ele. Então é isso. Agora eu estudei em muitos colégios, porque eu estudei numa escola, assim simples, uma escola pública, na Vila Militar, depois eu fui para uma escola na Tijuca, Ginásio Tijuca Uruguai, depois fui

para uma outra em Mato Grosso, Externato São José, depois fui para o grupo escolar e lá fiquei. Era uma escola muito bonita, feita pelo Niemeyer, lindíssima, com professores excelentes, em Mato Grosso. Aliás, Campo Grande é uma coisa que... estava destinada mesmo a grandeza. Hoje é uma das cidades mais bonitas do Brasil, mas naquela época já era uma cidade rica, uma cidade pujante e tudo. Então eu fiquei lá, morei cinco anos lá. E tenho as melhores memórias disso. Depois, voltei, fui para o Instituto Guanabara. E aí fui para o Lafayette, fiz o científico no Lafayette. Meu pai tinha essas ideias: “Não, minha filha, você é uma pessoa que está destinada às Ciências Sociais, mas...mas enquanto você não chega lá, você vai estudar ciência, porque depois você não vai ter tempo mais, então é importante ter uma base científica”, então...

C.C. – Você não fez clássico então.

A.C. – Eu não fiz clássico, eu fiz científico. Era interessante essas ideias dele. Aí tanto fiz o científico, que resolvi estudar medicina. E aí passei um ano estudando os nomes dos protozoários e aquela coisa toda. Schistosoma Mansoni e aquelas doenças todas tropicais, etc. Até que um belo dia apareceu a campanha do... Era a campanha do Jânio que estava acontecendo, a campanha presidencial, e eu não conseguia me interessar por aquela história, e ficava agarrada na televisão ouvindo os debates, não sei quê. A televisão estava surgindo ali naquele momento, com muita força. Aí eu digo não. Realmente, foi o maior alívio da minha vida, sabe, que eu disse: “Não, não, eu vou para Ciências Sociais”. E aí veio a seguinte questão. Meu pai dizia: “Não, você... eu acho que você deve ser... Você tem um jeito aí para jornalismo”, aí eu dizia: “Bom, então está bom, então vou estudar jornalismo”. – “Não. Você não deve estudar jornalismo. Vamos ver aqui como é que é o programa”. Aí pegamos o programa da Faculdade Nacional de Filosofia e estava lá, um programa interessantíssimo, que tinha de tudo, Filosofia, Ciência Política, História, História Moderna, História Antiga, Economia. Tudo! E quando eu entrei na faculdade, a crítica era muito severa à faculdade, porque estava sendo criada a Escola de Sociologia e Política, da PUC. Onde estudou o Gláucio, inclusive. Depois o Gláucio foi para o exterior, mas ele começou ali. E essa Escola de Sociologia e Política era a coisa que a gente achava mais sofisticada, era uma escola só de Sociologia, e a nossa era aquela confusão. Que bela confusão eu não ganhei de presente nessa escola! Porque os titulares eram Josué de Castro, na Geografia Humana, Darcy Ribeiro, na Etnografia, Victor Nunes Leal, na Ciência Política, e... José Américo Pessanha, na Filosofia, Maria Yedda Linhares, em História Contemporânea, e vai por aí. Aquilo era meio bagunça, porque tinha os assistentes e tal, mas...

no fundo, era isso. E aí eu acho que eu ganhei uma coisa fantástica, que foi uma formação muito, muito, eclética e básica.

M.G. – Em que ano você entrou mesmo?

A.C. – Eu entrei em 60 e... 61. Eu entrei em 61, me formei em 64.

C.C. – E qual era o clima? Havia um clima de mobilização política na faculdade?

A.C. – Total. A Faculdade de Filosofia era a mais mobilizada das faculdades brasileiras. Era considerada a mais radical, a mais agitada, etc.. E inclusive lá, logo, logo, havia militantes ali do Partido, era uma época em que o Partido estava muito interessado em se apresentar como um partido democrático, um partido que era ligado às forças democráticas e, portanto, quem queria golpe, quem queria ditadura, quem queria essas coisas era a direita, a esquerda estava com essa visão de que o Partido deveria contribuir para o fortalecimento da democracia brasileira. Então foi um pouco nesse contexto que eu entrei. Era uma espécie de um... E foi uma escola de política extraordinária que nós tivemos, porque ali, toda semana, a gente passava horas, horas e horas discutindo a conjuntura nacional. Porque é que fulano... Quais são as forças políticas, o que é que elas defendem, etc. E era uma coisa assim, realmente, impressionante. Porque nós éramos atores daquilo, daquele processo, os estudantes. E eu era muito caladinha, eu estava sempre junto com a Baby, com a Eli Diniz. Nós éramos inseparáveis.

C.C. – Eli Diniz era da sua turma.

A.C. – Ela era da minha turma. Sonia Camargo, da minha turma, Helena Lewin, da minha turma. Então nós éramos as três inseparáveis, eu, Sonia, Helena e Baby. As quatro. Estudávamos juntas e...E havia um grupo ali meio inorgânico, ali dentro da Escola, mas nós éramos sempre muito unidas. E eu me dedicava muito, conversava muito, fazia política mesmo. E depois até na UNE, eu e a Baby acabamos indo para a UNE, para a assessoria especial internacional. Aí acompanhamos esses congressos de solidariedade a Cuba que houve, fomos nós que organizamos lá em... Organizamos, modo de dizer. a gente, enfim. Na Bahia. Mas estávamos ali acompanhando e tomando as decisões. Marcelo Cerqueira era a pessoa com quem nós trabalhávamos. Depois, a Baby até casou com Marcelo, nessa história.

M.G. – E você tinha ligação com o Partido nessa época?

A.C. – Eu era do Partido.

M.G. – Você era do Partido.

A.C. – Eu entrei para o Partido. E essas reuniões que eu estou falando eram as reuniões do Partido. E havia assistência, e vinha gente de fora e conversava. Realmente, hoje, quando eu penso, eu digo assim, todas aquelas pessoas que estiveram ligadas de alguma maneira ao Partido Comunista se projetaram como pessoas articuladoras, como representativas de classe. Eu estou citando o caso do Marcelo mas nós trabalhamos com o Serra, tinha o Vinícius Caldeira Brandt, que foi também presidente. E eu na... Por exemplo, o Rubem César era nosso querido líder lá, foi presidente do diretório da Faculdade, nessa época. O Enilton, que eu perdi de vista completamente, mas era também muito bom. Maria Célia, que depois morreu tragicamente. Mas, enfim, era um grupo muito animado. Tinha o Alberto Passos Guimarães, que é um físico importante, Alba Zaluar, que era também da mesma época minha, entrou mais ou menos na mesma época também. E eu era um pouco afoita, porque eu assumi a presidência de um centro de estudos e eu acabei, por esse centro de estudo, trazendo, pela primeira vez, ao Rio, o Francisco Julião para discutir...

C.C. – Centro de estudos sobre?

A.C. – Centro de estudos de... Centro de Estudos Sociais. Desse curso de Ciências Sociais.

M.G. – Era do curso e tinha ligação com a UNE também?

A.C. – Não. Esse não. Esse era ligado ali à faculdade mesmo. Mas o que eu achei interessante nessa história, porque o Julião nunca tinha vindo ao Rio – olha só como as coisas são interessantes – ele nunca tinha vindo e aí nós convidamos, ele aceitou vir. Certamente tinha outros interesses e tudo. Aí *encheu* aquilo. Era uma coisa impressionante. E depois, olhem só, eu vou fazer a tese sobre as ligas camponesas, na França, como é que as coisas são. A gente, no fundo, vive, às vezes, samba de uma nota só. Você impregna alguma coisa na tua cabeça e depois vai dizer: olha, porque estudar aquilo de outra maneira e com outra roupagem, numa outra época, você vai... Agora, lá vou eu também, de novo, envolvida. Quer dizer, essa coisa de movimentos sociais, para mim, vem daí, vem daquela *vontade* daquela geração de 64 de

transformar o Brasil, de extirpar essas oligarquias com seus métodos primitivos e patriarcais de fazer política, com a sua visão ruralista e retrógrada do Brasil. E os estudantes eram um pouco os porta-vozes dessas mudanças, dessas reformas e tal. E, de fato, no bolo dessas reformas de base, – Mário estudou isso comigo depois, mais tarde – mas, no bojo dessas reformas de base, na verdade, a grande âncora era a reforma agrária, porque as outras não tinham consistência. Mas você vê que a reforma urbana, que também constava do pacote, ela está aí até hoje sem ser feita. Nós temos hoje o Estatuto da Cidade, que custou tanto esforço, mas não se aplica, os planos diretores não funcionam. Então você vê que aquela matriz reformista que nós advogávamos na época – confusamente um pouco, tinha reforma bancária, reforma agrária, reforma urbana, enfim, era um melê danado – mas, de fato, eram coisas necessárias para dar uma outra visão do Brasil. E eu, o que eu acho mais importante nisso é que eu criei, realmente, um compromisso profundo com o desenvolvimentismo. Que era, no fundo, herança do meu pai também. Porque eu me lembro perfeitamente, eu garota, antes de entrar para a faculdade, lá por anos... Bem antes, aliás, meu pai, saindo de noite, chegando de quartel e não sei quê, e indo, de noite, fazer um curso no Iseb, com Celso Furtado, sobre operação Nordeste e aquela coisa toda; porque ele era nordestino então ainda tinha esse interesse. E ele chegava... Meu pai era muito assim, então ele... Por exemplo, quando eu era garota, ele dava aula de História também. Além de ser militar e tal, dava aula de História. Então era uma aula sobre os árabes... Agora eu estou muito próxima, fazendo muitas articulações com os árabes e tudo, agora, eu fico pensando no meu pai, gente, como ele me disse tudo aquilo, a grandeza da civilização árabe, a contribuição que ela deu, etc.; e como isso é bom, no momento que você vê choque de civilização, etc., eu trago lá do meu berço essa coisa maravilhosa do meu pai que, justamente, me abriu os olhos para essa grandeza dos árabes. E a mesma coisa com Celso Furtado, que depois foi da minha banca de tese de doutorado, em Paris. Quer dizer, o meu pai tinha idolatria pelo Celso Furtado. Dizia, “Isto que é um homem que pode mudar o Brasil! Que tem a visão moderna, a visão do desenvolvimento”. E essa coisa do desenvolvimento, se eu fosse me definir hoje, vocês poderiam me perguntar isso: “quem sou eu?”, eu sou uma socióloga do desenvolvimento! Eu não sou cientista política. Eu sou socióloga do desenvolvimento e dos movimentos sociais. São as coisas que realmente me marcaram lá. Lá na origem.

C.C. – O Iseb, você chegou a frequentar, assistir?

A.C. – Eu fui da rebarba do Iseb, porque eu fiz o último curso do Iseb. Um curso especial, que não era o curso tradicional com aqueles grandes nomes do Iseb, e que foi ministrado exatamente em janeiro de 1964. E eu me lembro que eu estava com uma gripe, uma alergia, tossia que era uma coisa horrorosa, mas, enfim. Quem eram os professores? Carlos Lessa e Antônio Barros de Castro, economia do desenvolvimento. Aliás, o Lessa mais na parte de economia do desenvolvimento e o Castro mais na história da economia, história das doutrinas econômicas. Depois tinha o grupo do Werneck, estava lá o Joelzinho, Pedro Celso, não sei quê, aquele grupinho do Nelson Werneck Sodré, e... que mais que tinha? Alguém que... Ah! O Wanderley e o... O Wanderley e eu acho que o Carlos Estevam, se não me engano. Então foi um curso intensivo de dois, três meses, mas que foi muito importante na minha formação, porque ali eu me aproximei muito do Wanderley e do Carlos Estevam, já estava terminando a faculdade, e assim que eu terminei, já ingressei num programa que era uma pesquisa da Capes sobre o pensamento social brasileiro, coordenada pelo Wanderley. Que foram os primórdios do Iuperj.

C.C. – Bom. Antes disso teve o golpe. Terminou o curso, então... Foi no seu último ano de faculdade.

A.C. – É, foi o último ano.

C.C. – E aí como foi?

A.C. – Aí foi uma coisa terrível, porque... A depressão geral. Eu acho que o pior que os militares fizeram foi abater a tiros, bem dizer, uma esperança de um Brasil diferente, porque... Depois, a gente estudou isso aqui – até é um trabalho que eu preciso escrever, porque eu tenho notas, tenho textos, pedaço de textos e tudo, e acabei que eu não concluí isso direito. Mas, basicamente, eu acho que foi um modelo, um Getúlio revisitado, um Estado Novo revisitado. E aí que está o nosso mal. Porque o desenvolvimentismo que os militares tentaram implantar era um desenvolvimentismo fora de época, um desenvolvimentismo excessivamente estatista, ignorando completamente que o que estava ali, naquele momento, sendo definido eram as novas tecnologias que estavam quebrando o capitalismo industrial avançado, que nem tinham chegado aqui no Brasil, e nós nos atrelando ao modelo velho, e que eu acho que foi realmente muito prejudicial. E o que deu também nos jovens foi uma tremenda frustração. Porque nós

queríamos uma abertura. Agora essa abertura que a gente queria, ela vinha com uma roupagem de um modelo socialista, que também, se tivesse vingado, provavelmente, não teria propiciado o governo dos nossos sonhos. Na verdade, havia um lado reformista e um lado de participação democrática que ambas essas coisas se frustraram porque eu acho que foram inclusive atropeladas pela própria dinâmica da economia internacional, que caminhou numa outra direção muito diferente daquela. M.G. –O que você lembra de ter lido na faculdade? Quais foram os autores que te influenciaram? Assim, afora os professores, você falou do Darcy, enfim, de outros, você lembra o que se lia? Marx, Weber...Enfim...

A.C. – Olha. Como eu estava num *pout pourri*, eu lia, evidentemente, Josué de Castro, eu lembro que Sociologia, nós lemos Gurvitch, que, curiosamente, é o fato social total, que tem sua graça, quer dizer, a história de fato social total. A história das doutrinas econômicas, eu lembro bem os cursos do professor Djacir Menezes, *Tableau de Quesnay*, história do mercantilismo, toda a revolução mercantil, e muita história, muita história. Porque tudo que a gente estudava, a gente ia ver como é que isso surgiu, como é que foi a revolução industrial, as *enclosures* inglesas. Uma coisa que eu li foram os clássicos sobre a queda do Império Romano, Gibbon e outros mais. Lemos, em Ciência Política, nós lemos muitos franceses, tinha uma literatura francesa ampla sobre o que é política, Maquiavel; depois o Costa Pinto deu uma sociologia do desenvolvimento muito boa, e que eu acho, inclusive, que nós não fizemos justiça ao Costa Pinto, porque foi o Costa Pinto o primeiro que falou em sociologia da dependência e muito bem falada, inclusive com aquela matriz que depois se converteu no livro clássico do Faletto com Fernando Henrique, que era a ideia de que você tinha dois tipos de economia interna: a de mineração, que não conseguia internalizar o crescimento, e a economia de *plantation*, etc, que conseguiu dar uma reversão e internalizar o desenvolvimento endógeno, fazer o desenvolvimento endógeno. Então essa tese do Costa Pinto, me lembro perfeitamente dele falando disso tudo. Bom. Etnografia, estudava assim, por exemplo, Hans Staden e todos aqueles clássicos da etnografia brasileira. E estudamos muito os clássicos da inflação, o próprio Celso Furtado, com a professora Rosélia, que eu me lembro muito bem. Ela é mãe do Leandro Piquet, que é um cientista político que vocês conhecem bem. Ela foi a nossa professora e era muito boa. Era jovem e estava grávida do Leandro inclusive. É muito interessante. Quando eu vejo o Leandro falo assim: “Leandro, te conheci na barriga da tua mãe!”. E era isso. Nessa

coisa, nós lemos tudo. Líamos Ricardo, líamos... Marx, nós... eu li muito Marx, muito, muito, muito.

M.G. – Até por conta da militância.

A.C. – É. Eu, inclusive, como eu tinha essa família meio especial, eu tinha uma certa precocidade, porque, de fato, o primeiro livro que li aos nove anos de idade foi *Candido, o otimista*, de Voltaire, que estava com meu pai, na estante do meu pai, eu peguei, achei... Parecia história de criança aquele negócio, contado de uma maneira muito leve assim, muita coisa, e eu disse isso aqui tem alguma coisa que eu não estou entendendo bem, mas eu estou achando bom. (risos) Li o *Candido* com nove anos. E os *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, aos quatorze. E o Pulitzer, nessa época também, quatorze anos, mais ou menos.

M.G. – George Pulitzer.

A.C. – É. Então, a gente era muito voltada para essa coisa do marxismo e da articulação das forças produtivas e relações de produção, isso a gente pensava o tempo todo. E eu, até hoje, não me desfiz disso. Porque embora eu não seja classificada como uma pessoa, vamos dizer, radicalmente marxista nem nada, eu acho que algumas coisas no marxismo que eu, simplesmente, não consigo me desvencilhar. Por exemplo, a crise hoje é uma crise das forças produtivas. É lógico! As forças produtivas mudaram de patamar, nós estamos em outra, em outro tipo de tecnologia, outro tipo de coisa, e todas as relações... Aquela coisa que Marx dizia, de que quando as forças produtivas mudam, elas derrubam as relações, elas tornam obsoletas as relações prevalentes de produção, eu acho que é isso que está aí, nós estamos vivendo exatamente isso. Agora também não preciso me agarrar com essa história para virar uma coisa..., uma catequese, uma coisa escolástica. É uma inspiração. E você perguntou, eu me lembro que Durkheim a gente... Eu li muito Durkheim, mas eu agora, talvez tenha lido em outro contexto, porque era, realmente, um clima de muita participação e de muito debate. Weber, por exemplo, era uma coisa muito pouco lida. Eu li mais tarde um pouquinho, já tendo saído da faculdade. Porque na faculdade mesmo, nós não tivemos isso muito, não.

C.C. – Esse teu clima de militância na UNE, no Partido, isso não te afetou em 64? A faculdade foi muito atingida, não é?

A.C. – Eu peguei uma Comissão de Inquérito. Mas a minha sorte, primeiro que eu não... não havia nada que justificasse coisíssima alguma, mas foi um clima de terror. Eu saí de casa, fui me refugiar na casa da Helena Lewin, fiquei dez dias lá e mais não sei quê. E depois, o clima era um clima de hostilidade. Aí abriram um processo, um inquérito, uma CPI, uma Comissão de Inquérito contra, para investigar atividades subversivas na Faculdade de Filosofia. Como eu fazia um curso de russo, parece que descobriram o meu nome no fichário lá desse curso de russo, que era aqui na rua México. Eu tenho até hoje o livro. (risos) Se vocês quiserem uma foto, depois eu dou, porque é muito engraçado que eu não consigo me desfazer desse livro antigo. Mas de fato, como eu estava na UNE, eu não estava, vamos dizer, no foco maior da faculdade. Porque eu passei dois anos trabalhando na UNE. E, nessa época, conheci o Betinho, de longe, Milton Coelho da Graça, Vinícius Caldeira Brandt, enfim, era um grupo grande. Inclusive a Irlis, que casou com Betinho nessa época. Depois eu fui esperar eles numa missão lá em Paris. Eles me deram lá, para esperar eles lá na estação de trem, não sei quê. Então isso era uma coisa muito forte, assim. Mas de fato o momento mais doloroso foi da UNE mesmo. Porque no dia fatídico em que tudo acabou...

M.G. – Quando incendiaram o prédio.

A.C. – Eu estava na UNE. Eu fui, praticamente... Eu devo ter sido a última, a penúltima ou a antepenúltima a sair do prédio. Porque nós ficamos lá, estávamos meio perdidos assim, e tinha um rapaz meio doidinho assim, que cuidava do... como é que chama isso? Do... tinha um nome, gente...

M.G. – Mimeógrafo?

A.C. – Mimeógrafo! Chamado Filósofo, um doido chamado Filósofo, que estava por lá, e aí, a gente não sabia bem o que fazer, ficamos por ali etc.. Aí um amigo: “não, vamos para a Faculdade de Filosofia”. Aí saímos, fomos. Quando chegamos na Faculdade de Filosofia já estava um clima muito ruim ali, já tinha um negócio meio estranho, um cerco, aí eu encontrei um amigo meu, Ramon, disse: “não, vamos lá visitar o coronel Dagoberto”. O coronel Dagoberto... tinha os Correios e Telégrafo no Paço. Então nós fomos a pé para o Paço Imperial, ali atravessando a Antonio Carlos, e chegamos lá e estava um pandemônio ali dentro: todo mundo saindo correndo e não sei quê, não tinha Dagoberto mais nenhum, já tinha sumido, e...

Para vocês verem como é que as coisas são curiosas. O clima era um clima de fuga em massa. E aí alguém disse: não, o Jango já pegou um avião e vai para não sei aonde, está indo para o sul, não sei quê. Bom, aí o Ramon disse: “O que é que nós vamos fazer? Ah! Vamos para a casa do padre Alípio”. Você vê a ingenuidade. Eu não tinha nada, não tinha nenhum contato com o padre Alípio, não sabia e tudo. Mas o Ramon disse “vamos para a casa do padre Alípio”. O padre Alípio tinha uma casa ali perto do Largo do Machado, que tinha sido um antigo meretrício, parece, e tinha umas saídas secretas por ali. Nós fomos parar na casa do padre Alípio. Padre Alípio não estava lá, já tinha sumido há muito tempo. Aliás, encontrei padre Alípio agora, no Fórum Social Mundial, estava, eu disse: “Padre Alípio, eu não acredito! O senhor sabe onde é que eu estava no dia...” (riso) Ele ficou boquiaberto. Eu falei: “O senhor não estava mais lá, mas nós fomos para lá, eu e o Ramon”. E aí o Ramon dando uns telefonemas lá, parecia que era muito importante, mas não era nada. Aí eu digo: “Escuta, Ramon, eu acho que a gente tem que ir embora. Nem o padre Alípio está aqui, o que é que a gente está fazendo aqui?” Era o lugar mais perigoso que podia haver, que o padre Alípio está sendo procuradíssimo, era um... Que vinha de Angola, enfim, padre vermelho, o padre vermelho, etc. Bom. Aí saímos de lá às carreiras. E não aconteceu absolutamente nada. Aí, quando nós saímos do Largo do Machado, nós demos a volta para ver o que é que estava acontecendo, e a UNE estava em chamas. Isso é uma... Essa é uma cena que nunca mais vou esquecer, sabe. É uma coisa terrível assim, avassalador. Porque aquilo ali era uma coisa tão, no fundo, tão... ninguém merecia. Incêndio. Uma coisa violenta demais. E ali eu acho que ruíram os nossos sonhos, naquela etapa, com aquelas esperanças naquela democracia. E depois... O Touraine tem uma expressão que eu gravei muito quando eu comecei a frequentar os cursos dele, é que o populismo é um... A luta armada foi um populismo *refoulé*. *Le populisme refoulé*. Por conta de um populismo que não se tornou realidade, quer dizer, que não provocou uma transformação estrutural desejável – e você sabe muito bem por quê, Mário – por conta disso, nós acabamos empurrando essa juventude, que ficou sem rumo, sem direção, sem projeto, sem nada, a não ser derrubar aqueles que estavam lá, e que foi uma experiência muito traumática, que a gente sabe agora, está vivendo isso ainda, esse trauma aí da frustração dos jovens.

M.G. – Seu pai, com esse passado nacionalista, ele foi perseguido depois de 64? Teve algum episódio?

A.C. – Não. Aí o meu pai tratou das coisas dele e não... Tinha sempre, acompanhava tudo, era um homem que tinha sempre posição em relação a tudo, ouvia, queria saber e era uma pessoa extremamente ativa, assim perceptiva. Mas não se envolveu mais em nada.

C.C. – Vamos voltar então, Aspásia, a esse projeto com Wanderley, financiado pela Capes.

A.C. – É, financiado pela Capes.

C.C. – Isso foi logo que você se formou?

A.C. – É, logo que eu me formei. E isso aconteceu no Convento, ali na Praça XV. Era ali que nós nos reuníamos. Tínhamos umas salas. E eu me lembro que a primeira fase do projeto era uma coisa que era assim: as categorias básicas do pensamento social brasileiro. Essa fase eu não sei explicar como era, mas era o Carlos Estevam. E aí nós estudamos muito Ignácio Rangel, que aliás é um pensador que eu, depois, no Ipea e tudo, eu pude ver a pujança e a grandeza do pensamento deste grande intelectual que foi Ignácio Rangel, talvez dos maiores que nós tivemos. E ele tinha um livro sobre inflação maravilhoso e tinha aquele livro sobre, como é que chama meu Deus? *A Dualidade Básica da Economia Brasileira*. Aquilo foi nossa bíblia. Eu virei aquele livro pelo avesso. Porque nós fazíamos uma espécie de estudo filosófico daquelas categorias, aquelas coisas que ele usava; e depois pusemos outros autores também nisso. Isso foi muito importante para mim, porque eu acho que eu fiquei com uma visão muito organizada do que era o Brasil, por exemplo, dos anos 30 e o que é que era o Brasil dos anos 50, as diferenças estruturais na mudança de eixo do pensamento político brasileiro. E quando eu fui para a França, eu fui para estudar isso, eu estava decidida a fazer uma tese sobre esse assunto.

C.C. – Esse projeto, ele era sediado em que instituição?

A.C. – Era na Sociedade Brasileira de Instrução.

C.C. – Que virou a Cândido Mendes. Ou já era Cândido Mendes?

A.C. – Já era a Cândido Mendes. Mas eu acho que tinha Sociedade Brasileira de Instrução, que era a que fazia tudo, a que dava a dimensão jurídica da coisa. E depois eu

emendei esses estudos com o Wanderley, que eu tinha conhecido ainda na faculdade. Uma vez, a UNE promoveu um debate sobre filosofia, logo depois que ele escreveu aquele livro da coleção do *Cadernos do Povo Brasileiro*, sobre, como era o nome? Caramba! Era... *Quem dará o golpe no Brasil?* E esse livro, é um livro provocativo assim, interessante, ele foi lá, eu me lembro, na UNE, e nós passamos um longo tempo com ele lá, discutindo e tudo. Eu fiquei maravilhada com as ideias dele, com a maneira séria e profunda com que ele colocava as coisas. Porque a gente vivia muito... Como eu digo, esses movimentos sociais, essas coisas, era muito interessante. Essas reuniões do Partido Comunista, minha mãe ia comigo. É, ela ia comigo, porque meu pai tinha medo, de noite, muito homem, e eu jovem, então ela ia comigo. E todo mundo tratava ela como um... muito carinhosamente, tudo. E ela ficava lá, coitada, (risos) três, quatro horas ouvindo aquelas coisas todas. E a minha mãe era muito curiosa. Porque minha mãe, quando houve o vigésimo congresso, meu pai chegou arrasado em casa, disse: “Olha, a situação é muito séria. Esse Stalin é um criminoso!” Minha mãe: “O quê? Criminoso?! E eu caí nessa ilusão? Vocês me venderam esse... Nunca mais! Nunca mais vocês me promovam exaltação de personalidade de ninguém, porque isso é uma coisa terrível!” A grande questão é que o Jorge Amado dizia, e isso calou fundo na esquerda brasileira da época, artista e tudo. Meu marido, depois, comentava isso, que o Jorge Amado dizia: “Eu menti, eu caluniei; em nome dos meus ideais, eu fiz o que não devia ter feito”. Então aquilo também ficou uma marca muito grande da rejeição ao totalitarismo, do modelo soviético stalinista.

C.C. – Você mencionou. Você tinha se casado já, nessa época?

A.C. – Não. Me casei depois, um pouquinho depois.

M.G. – Qual foi o período de duração que você ficou envolvida com o projeto? Você se forma em 64.

A.C. – Esse projeto do Wanderley?

M.G. – É. Você se forma em 64. Você começa ele quando?

A.C. – Olha. 64... Foi 65, 66 e início de 67.

M.G. – Que foi quando você foi para a França?

A.C. – Foi uns dois anos, mais ou menos.

C.C. – Mas você deu aula também, na PUC?

A.C. – Dei. Dei aula na PUC. Porque o Cândido Mendes, que era o titular da cadeira de *Estrutura e dinâmica da sociedade brasileira*, esse era o nome do curso, ele parece que ia passar um tempo em Paris ou nos Estados Unidos, eu não sei, uma viagem ao exterior, e ele me convidou para ser substituta dele. O que foi uma temeridade. Eu, até hoje, cobro isso do Cândido. Porque eu tinha rigorosamente 23 anos, 24 anos de idade naquela época. E... Eu acho que nem isso. Vinte e... Não. Eu tinha 23 anos de idade quando eu assumi uma turma levada da breca. Tinha Celina Amaral Peixoto, tinha Ayrton... como é que chama? – o Ayrton, da Flacso, o Ayrton Fausto, tinha Lúcia Sigaud...

M.G. – Sérgio Miceli também.

A.C. – Sérgio Miceli, eu acho que estava também. Era uma turma do barulho. E eu cheguei lá, eu tinha a idade deles, praticamente. E eu me lembro que eu disse bom, agora, como é que vai ser isso? Aí eu... Cândido, era coisa do desenvolvimentismo. Volta lá ao problema do desenvolvimentismo. Então, o que é que eu dei? Eu dei o Celso Furtado e dei Raimundo Faoro. Eu fui a primeira pessoa a dar Raimundo Faoro numa universidade brasileira, porque ninguém conhecia. Era um livro de 58, era um livro de Minas Gerais e que tinha sido editado em Minas, e aí eu peguei *Os Donos do Poder*, o Celso Furtado...

M.G. – E você conheceu como *Os Donos do Poder*?

A.C. – *Os Donos do Poder* eu conheci porque eu tive ciclo afetivo de namorados mineiros. (risos) E esse ciclo foi muito importante na minha vida intelectual, porque os mineiros eram muito sofisticados. Então foi aí que eu me introduzi a Weber. Eu fui fazer um curso com Juarez Brandão Lopes, em Minas, sobre metodologia das ciências sociais, a visão weberiana, na Universidade Federal de Minas Gerais. E isso durou, sei lá, acho que uma semana, qualquer coisa. Mas ali que eu me introduzi a Weber. Aí tinha essa coisa da ética, política como vocação, a ciência como vocação, tudo isso, e o Juarez Brandão era apaixonado e ele deu um belíssimo curso lá, que eu fiquei fascinada. Eu fiz uma viagem aos Estados Unidos importantíssima, também, para mim...

M.G. – Em que ano?

A.C. – Isso foi em 62. Foi o Gláucio que me indicou. O Departamento de Estado americano estava organizando uma reunião nos Estados Unidos, um curso para lideranças estudantis brasileiras, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. E estava, então, escolhendo quem é que iria para esse negócio. Eram quinze pessoas. E o Gláucio me indicou. Gláucio Ary Dillon Soares, que era meu professor na faculdade, me indicou para ir para essa viagem. E eu fui. Quem é que estava lá? Estava o Eduardo... Caramba, como é que é o nome dele? Ele hoje é presidente daquela Única, daquela grande representação lá de cana...

M.G. – De produtores de cana.

A.C. – Eduardo... Carvalho! Eduardo Carvalho. Estava o Antenor Barros Leal, que hoje é o presidente da Associação Comercial, e foi uma coisa incrível. Um mês.

M.G. – Comunista, só você lá no meio.

A.C. – Não. Era tudo meio... (riso) Era JUC, não sei quê, ninguém... Os comunistas eram os moderados ali. Tinha de tudo. E a ideia era se familiarizar com a civilização americana, e debates com cientistas políticos, professores lá da universidade e tudo. Eu fiquei com uma aluna, com uma menina que fazia contabilidade, no mesmo quarto, e aquilo foi um choque cultural para mim violento, porque, primeiro, eu digo assim: está bom, eu estou numa universidade fantástica, aquilo... Até o cheiro da universidade, a beleza, a cor, tudo! Eu fiquei maravilhada. Eu digo: gente, eu saí daquele pardieiro ali, aquela faculdade maltratada e tudo, chego numa coisa daquela, com aquele cheiro maravilhoso, com aqueles banheiros, aqueles salões para ver tele... para... com sofás, com coisa, tudo, e eu fico com essa menina na sala. E aí foi o primeiro choque brutal que eu tive civilizatório. Foi o seguinte: a menina, que era igual a mim, uma menina de classe média americana, etc, ela lavava a roupa dela toda, ela trabalhava três vezes por semana servindo a comida no restaurante, então eu descia assim, estava lá a Susan me servindo *scrambled eggs*. Eu falei, isso... sabe? “O que é que é isso? Que lugar é esse?” – “Não. Aqui é assim, tal”. Aí, também, eu fiquei impressionada porque, o que é que ela estudava? Contabilidade, *driving* e mais uma outra coisa. Eu digo: mas como é que é isso? Direção? – Não. Aqui, a gente estuda direção na faculdade. Falei: que coisa interessante. Por que você não estuda coisas úteis na faculdade? Por exemplo, contabilidade. É uma coisa que

todo mundo devia estudar também. Não custava nada. Então, eu vi assim, eu vi uma sociedade extremamente democrática, em que as pessoas trabalham, não têm preconceito nenhum contra atividade manual. Eu acho que foi... Essa experiência foi para mim, mais ou menos, o que o Gilberto Freyre viveu lá quando ele foi também para os Estados Unidos, para o sul dos Estados Unidos, quando ele viu o preconceito racial ali, violento, totalmente fora dos parâmetros dele. Então foi, para mim, foi isso. E aí era interessante, porque o Eduardo Carvalho namorou uma menina que estava ligada com esse povo lá da Joan Baez, nós íamos ouvir a Joan Baez. Então aí eu entrei no que é hoje o sentido básico da minha vida, que é a sociedade pós-industrial. Quando eu cheguei lá, o que é que eu vi? Os *beatniks* e a crítica da sociedade industrial. No fundo era o Marcuse ali, já fazendo a sua... o seu estrago ali, envolvendo artistas, envolvendo pessoas. Eu me lembro que essa Sidney Brand, que era meio que namorada do Eduardo Carvalho, depois ela veio para o Brasil, eu hospedei ela na minha casa, tocava violão, com aqueles cabelos maravilhosos e... E a gente estudando muito. Passava o dia inteiro debatendo civilização americana, etc.. E foi muito legal. Eu achei que foi uma coisa assim... Realmente importante na minha vida. Quando eu voltei, eu acho que eu voltei com meu chakra intelectualmente aberto. Porque eu estava recebendo assim informações de vários níveis. O Wanderley e o Carlos Estevam eram pessoas que tinham um comprometimento com uma visão intelectual e filosófica muito acima dos comuns mortais. Eles eram pessoas, realmente, que obrigavam a exercer o pensamento. E aí, com Wanderley, eu fiz o... – eu fiz por minha conta, mas o Wanderley leu e gostou muito, fez alguns comentários –o artigo sobre Azevedo Amaral, que ele adorou, achou maravilhoso e tal; e que, realmente, teve um sucesso muito grande, porque todo mundo gostava, todo mundo comentava e tudo. Foi um momento assim que... Eu me lembro que eu batia... eu escrevi esse artigo batendo numa máquina. Porque meu pai era assim, disse: “Minha filha, agora você vai estudar datilografia.” Eu tinha uns quatorze anos. “Ah é? Datilografia?” – “É. Você vai estudar datilografia para você não depender, não ficar como eu que dependia do soldado para bater para mim. Você vai bater o seu texto”. Aí eu fui lá, estudei a datilografia, fiz o curso de datilografia. Então era assim, “Agora, você vai estudar inglês”, eu ia. Mas ele me convencia. Ele não era... Era tudo pela sedução.

M.G. – O artigo do Azevedo Amaral foi parte do projeto?

A.C. – Foi. Quer dizer, não é que...

M.G. – Foi desenvolvido a partir do projeto.

A.C. – Foi uma coisa espontânea. Ele falou assim... eu falei: “aí, que coisa maravilhosa, tudo”. E aí, como é que eu fiz esse negócio do Azevedo Amaral? Foi uma coisa seriíssima. Porque ali era ruptura, não era o pensamento histórico que eu estava fazendo, eu estava fazendo as categorias básicas do pensamento; então, quais são as questões que o Azevedo Amaral coloca? Então ia-se um por um. Inclusive, eu disse coisa sobre Azevedo Amaral que foram extremamente importantes. Por exemplo, o Azevedo Amaral fez a melhor análise da Revolução de 30 que tem. Porque toda aquela ideia do efeito demonstração, que depois caiu na moda e que até o Celso Furtado, também aplicou muito isso. Mas o Azevedo Amaral viu aquilo, que no fundo, no fundo, nós estávamos com padrões de consumo e e aspirações de consumo que o sistema produtivo do café não poderia jamais realizar; e que aquilo criou, realmente, um problema. Uma análise sociológica muito requintada. Você vê assim como é que o Brasil implodiu naquele momento, por essa espécie de esquizofrenia entre as aspirações e o que o sistema produtivo brasileiro podia oferecer. Isso foi uma das coisas. Mas, enfim, eu tinha 30 perguntas assim, que eram todas classificadas; aí eu comparava Azevedo Amaral com o Chico Campos, com os autoritários todos, Miguel Reale e tudo, e aí o Wanderley foi realmente um grande mestre, como o Carlos Estevam, também me ajudou muito, porque o Carlos tinha muito... Era muito irônico. E uma coisa que o Wanderley fez comigo ali, e que houve um momento até que eu reclamei, é que ele me obrigou a ler o Cassirer inteiro, aqueles três volumes de sociologia do conhecimento, eu tive que ler aquilo tudo. Então eu me tornei um pouco neokantiana ali, por conta disso. C.C. – Sua decisão de ir para a França fazer o mestrado, como é que ela surge?

A.C. – Sim. Eu estava programando tudo, aí vem... Eu não sei se eu posso falar, mas... Eu era noiva do Bolívar Lamounier. Estávamos prestes a nos casar. E ele foi para Los Angeles, para Universidade da Califórnia, em Los Angeles, nós íamos nos casar por procuração e eu ia me encontrar com ele lá. Mas aí aconteceram uma série de dificuldades, nós nos desentendemos um pouco, etc., e aí então eu conheço o Sérgio, que era irmão da Sonia Camargo.

C.C. – Sérgio Camargo.

A.C. – Sérgio Camargo. E ele morava na França, veio para o Brasil para fazer uma exposição na Bienal de São Paulo, ele veio um pouco antes e tal, e aí aconteceu esse caso de amor fulminante; ele voltou, no ano seguinte, para fazer o muro lá de Brasília, e aí nós decidimos que eu devia seguir para a França, Paris, onde ele morava, e já o assunto lá dos Estados Unidos foi enterrado. E eu mudei de rumo.

C.C. – Em que ano você foi para Paris?

A.C. – Fui para Paris.

C.C. – Mas em que ano?

A.C. – Isso foi em 67. E aí eu fui para uma coisa muito interessante. Porque eu conversei com Lucio Kowarick, que me falou sobre um curso que havia na Universidade de Paris... Aliás, não, eu vi isso num folheto e me espantei demais. Porque quando eu estava procurando essas coisas sobre a França, eu estava um pouco confuso aquilo ali para mim, eu não sabia como tomar a decisão. Aí eu li no programa uma coisa chamada *Cours d'enseignement préparatoire à la recherche approfondie en sciences sociales*. Eu falei, meu Deus, o que é que é isso? E o Lucio Kowarick fez, tinha feito esse curso. Ele disse: “Olha, Aspásia, é ótimo. Porque é a única cunha da sociologia americana que você tem dentro da universidade francesa. E tem o grupo do Bourdieu que dá o curso, então é uma coisa interessante, porque, ao mesmo tempo que tem um lado francês, tem um lado que está abrindo para os Estados Unidos”, e para mim isso era muito importante, porque a essa altura o Cândido estava produzindo aqui... Isso eu queria dizer e registrar como uma coisa, talvez, das mais importantes que eu possa dizer hoje. É que o Cândido Mendes produziu a globalização do Rio de Janeiro pela via das Ciências Sociais. A primeira coisa que globalizou nessa cidade, depois do Pão de Açúcar e do Corcovado, foi o Cândido Mendes. Porque o Cândido trouxe todos os intelectuais de peso nas Ciências Sociais para o Brasil, na década de 60, nos anos 60. Todos! Lipset, Parsons, Karl Deutsch, Huntington, Dan [INAUDÍVEL], Toynbee – eu já falei, não é?

M.G. -Ainda não.

A.C. – Toynbee, e vai por aí. E eu levei todos eles ao Corcovado, diga-se de passagem. Todos. A gente andava num fusca, até da Sônia, muito curioso, o Lipset morria de medo,

porque a Sonia, ela dirigia olhando para trás, (risos) e o Lipset apavorado ali, ele disse “vai acontecer alguma coisa!” e ela esfuziante, muito louca, muito inteligente, assim, andando lá para a coisa. E o Lipset também. Então foi muito importante. Porque você imagine o Lipset, o Lipset vem dizer aqui que o grande legado da experiência americana eram as redes sociais; e depois eu ouvi o Lipset, velhinho – nem sei onde mais que eu encontrei o Lipset nessa linha de profundidade – dizendo, coitado: “o que eu disse lá não vale mais nada. Hoje, os Estados Unidos não têm, as pessoas não têm rede social nenhuma, a coisa está completamente desbaratada”. Então, isso foi impressionante. Mas o Cândido nessa época... Por exemplo, o Huntington, depois, vai ser o inspirador, foi ele que fez o *draft*, que eu vi, eu vi na minha mão, da distensão lenta, gradual e segura. Foi ele que inventou a estratégia militar da abertura, num *paper* que ele deu para o Golbery. Então, ele se vinculou ao Brasil de certa maneira e ficou muito ligado com isso. E, na verdade, o que o Cândido propiciou é um contato direto, físico, com os grandes pensadores mundiais da Ciência Política e da Sociologia mundial. Touraine também estava nisso, mas ele eu acho que até estreitou mais relações um pouquinho depois. Mas ele, ao longo de 20 anos, ele trouxe para o Rio de Janeiro, com frequência, todos os grandes pensadores. E deu oportunidade às pessoas... Por exemplo, o Iuperj surgiu um pouco disso, desse projeto de globalização da inteligência, porque o Wanderley foi para Stanford, todas as pessoas que estavam envolvidas, eu não sei agora reconstituir tudo isso, mas, certamente, Simon já tinha... A vida dele já estava nos Estados Unidos, mas muitos deles foram para os Estados Unidos porque tiveram conhecimento com esses professores e até se vincularam a alguns deles. O Karl Deutsch, por exemplo, me deixou uma impressão tão profunda, porque ele tinha feito aquele trabalho sobre nacionalismo e tudo, mas eu fui passar minhas férias, depois, em 68, umas férias no sul da Espanha, em Almeria, em Carboneras, na província de Almeria, e quando eu, de passagem ali, eu entrei numa livraria – aquelas coisas fantásticas de livraria na Espanha – e encontro lá *Los sistemas políticos de los impérios*, do Karl Deutsch, eu digo: ó, meu amigo Deutsch aqui com os sistemas... – comprei esse livro. E passei os dois meses em Almeria lendo *Os sistemas políticos dos impérios*. Era uma coisa de louco. Eu ia para a praia com aquele livro. Eu não li mais nada, só o Deutsch. Só que esse livro marcou tudo que eu fiz na minha vida, a matriz está ali. Porque é a melhor análise histórica do patrimonialismo que você possa imaginar. E aquilo me impressionou muito. Depois, os primeiros capítulos da minha tese e tudo, certamente, foram inspirados nele.

[Interrupção da gravação]

A.C. – É uma coisa interessante, é o seguinte, que havia na mentalidade política brasileira, sobretudo na nossa cultura universitária e acadêmica, uma influência francesa muito grande e um preconceito muito grande contra os americanos. Por desconhecimento. Ninguém sabia do que se tratava nem nós tínhamos uma tradição de um rigor sociológico, nem antropológico, nada. É uma coisa muito assim... Mais especulativa que isso aí, Gurvitch e tal. Então, quando o Gláucio chega, ele... por exemplo, o curso dele foi todo em cima da psicologia social. Eu me lembro bem disso. E as pessoas: “não, isso aí é uma coisa americana”, etc. E depois eu vivi exatamente essa mesma experiência quando eu fui professora na Universidade de Paris, que as pessoas também não queriam ouvir os americanos. Então, esse mérito do Bourdieu é muito grande, com essa escola, com esse curso; que era um curso atípico. Era um mestrado muito diferente. Porque um dos problemas que houve, é que as pessoas iam para o exterior e chegavam lá, sobretudo na Europa, ficavam perdidos. Os que iam para os Estados Unidos tinham um treinamento rigoroso, eram internados ali naqueles campus universitário e produziam aqueles créditos, aquelas coisas e se organizavam de uma maneira um pouco..., vamos dizer assim... – Como é que eu vou dizer? – um pouco... Pasteurizada em alguns aspectos, pelo treinamento intensivo, etc. E quem ia para a França, às vezes, ficava perdido ali. Porque era tanta coisa! Imaginem. Eu cheguei na França em 67. Eu cheguei em maio, e o meu curso começou em outubro.

M.G. – Em que universidade você ficou?

A.C. – Então. Eu fui para a Universidade de Paris, pela... Instituto de... Era *Ecole Pratique des Hautes Etudes*, depois virou *Institut des Hautes Etudes en Sciences Sociales*. Mas naquela época era *Ecole Pratique des Hautes Etudes*. Então, essa *Ecole Pratique des Hautes Etudes* fazia esse curso especializado. Isso começou em outubro. Entre maio e outubro, quando eu cheguei lá, eu frequentei os seminários do Lévi-Strauss, do Althusser e... Quem mais? Poulantzas. Entendeu? Então você tinha aquela coisa de ficar meio solta, sabe, para receber os bons fluídos. Ah, sim. E o Raymond Aron. Eu fazia o Raymond Aron na *Sciences Po*, Lévi-Strauss no *Collège de France* e o Althusser na *rue D’Ulm*, que era a *Ecole Normale Supérieure*. Então, os três lugares assim. Quando eu comecei o curso, eu já estava ali completamente apaixonada por aquelas coisas todas. O curso do Raymond Aron, uma preciosidade. O

Althusser era uma figura. Depois, aconteceu tanta tragédia, ele matou a mulher, ficou louco e tudo. Ninguém podia imaginar que um homem daquele, tão organizado, com aqueles textos tão firmes, tão amarrados, tão lógicos, podia assim enlouquecer. Foi uma coisa surpreendente.

M.G. – Bom. Poulantzas também.

A.C. – E as livrarias, aquelas livrarias francesas ali, fantásticas, com tudo ali! Eu ficava louca. Aí eu comprava tudo. Até hoje, eu sou assim, eu não consigo comprar... “Ah, eu vou comprar um assunto que é o assunto da minha especialidade”. Não contem comigo com isso. Eu vou comprar coisas completamente descoordenadas e que eu é que coordeno aquilo, não sei como, na minha cabeça. Então, foi uma coisa, experiência. Agora o curso do Bourdieu...

C.C. – Durou quanto tempo esse curso?

A.C. – Durou dois anos intensíssimos. Era na *rue de Rennes*. E nós... Trauma, porque você acordava, era aquela escuridão medonha, para poder pegar um curso que começava às oito e meia da manhã. Eu me assustava. Digo: “meu Deus do céu, é muito escuro, é muito triste isso”. Mas, enfim, lá íamos nós. E eu apavorada, porque o curso só tinha dois... Três estrangeiros, eu, a Vânia Salles, que era mulher do Severo Salles, que era também... Vinha de AP, militante, etc., mas a Vânia estava com bebê pequeno, chegava atrasada; e estava sempre rindo assim, era uma pessoa tão alegre, mas, assim. E tinha um grego, que também vinha de vez em quando. Então, na verdade, eu era a única estrangeira no meio daqueles franceses. E foi duro! Porque, primeiro, eu não conhecia aqueles autores que eles conheciam; Halbwachs, coisas assim, *sofisticadas*, que eles sabiam as minúcias daquilo. Então eu fiquei realmente muito amedrontada ali. Depois tinha uma formação quantitativa muito forte, porque nós dávamos sociologia quantitativa, indicadores, estatística, matemática, teoria dos conjuntos, não sei que, então eu tinha que estudar muito. E havia uns professores que davam muito sociologia americana: mobilidade social, não sei o quê. Então, eu vivia apavorada. Eu aprendendo francês... Eu me lembro que o primeiro trabalho que eu fiz, vinha aquelas correções assim – três erros de francês ali, eu muito, muito preocupada com aquilo. E no final foi um sucesso, porque eu me saí super bem nesse curso e fui elogiadíssima e tal. Mas ninguém nem ouvia a minha voz. Eu fiquei quieta ali, ouvindo, ouvindo, apavorada. E acabou tudo bem. Por quê? Porque a inspiração brasileira, ela dava uma outra visão para aquele tradicionalismo ali da

Sociologia... A própria sociologia americana. Por exemplo, tinha um trabalho, que eu me lembro, sobre mobilidade social. Então eu propus fazer uma comparação entre mobilidade estrutural, que vem da mudança das posições, do rural - urbano, por exemplo, com as mudanças de posição que são mais ligadas a mobilidade pessoal, mobilidade individual, que teria uma outra conotação. Aí fiz o trabalho. Puxa, foi o maior sucesso. Ninguém nunca ia imaginar dizer uma coisa daquela. Mas eu estava dizendo em cima da experiência brasileira, que era uma experiência realmente fascinante. Então foi isso. Aí o Bourdieu, muito forte a importância dele, o *Métier de Sociologue*... O *Métier de Sociologue* foi feito às nossas custas, que nós somos cobaias desses cursos com os professores Chamboredon, Madame [INAUDÍVEL], etc....

M.G. – O Chamboredon te deu aula também?

A.C. – ...que eram os professores que davam o curso. Então foi isso. E quando terminou essa fase, eu engrenei direto no Touraine, eu não sei nem por quê. Eu acho que é porque o Touraine era o que mais conhecia América Latina.

M.G. – Que era opositor do Bourdieu. Opositor... Enfim, eram adversários.

A.C. – Pois é. Então eu, em vez de me canalizar para o Bourdieu, eu fui para o Touraine. E ali foi, também, outro aprendizado. Porque a coisa mais importante que eu ganhei ali foi a visão de que o debate não faz mal a ninguém. Você pode debater o que quiser e discordar de quem quiser. Porque o nosso processo aqui – e hoje, nos partidos políticos, você vive muito isso, essa obsolescência – é intimidatório. Você tem que obedecer, você tem que ser hierárquico. Se, por exemplo, o seu catedrático diz um negócio, o assistente não pode pensar outra coisa, ele tem que defender o peixe do catedrático. Aí quando você chega ali naquele seminário do Touraine – *rue de Varenne, 54, rue de Varenne*, históricos. O Touraine era o que mais demorava, porque todo mundo era de nove às onze, ele era de nove a uma da tarde, não tinha tempo para terminar, e ali valia tudo. Tinha movimento nuclear, especialista em movimento antinuclear, movimento... Descoberta do corpo, movimento verde, os marxistas fazendo sociologia do trabalho, tinha o Castells, que também frequentava os cursos do Touraine. E aí fiquei eu ali. E a única coisa que eu posso dizer de emocionante nessa história é que eu estava trabalhando com a ideia de comparar o pensamento político dos anos 30, autoritário, mais um problema de Estado do que de desenvolvimento; você tinha que

reestruturar o Estado e comparar com os movimentos dos anos 50 que a tônica era o desenvolvimento, e o Estado vinha a reboque natural dessas transformações. Então, estava a minha matriz de tese ali, prontinha e ótima. Eu tinha estudado isso, estava com os livros todos lá e tudo. E aí eu vou para o Touraine. Fiz um curso com Pécaut também lá nesse negócio da *Enseignement Préparatoire*; tinha o Pécaut no meio. Eu acho que foi até pela via do Pécaut que eu também me posicionei com Touraine. E aí eu fiquei assistindo esses cursos do Touraine e tudo. E aí o Touraine... Isso é uma coisa importante. O Touraine pediu para os seus alunos fazerem uma ficha, preencherem uma ficha de um movimento social que ele estava preparando, e a ficha dele tinha, mais ou menos, umas... Uns oito, umas sete, oito categorias. Vocês sabem que o Touraine trabalha com aquela idéia do *identité, opposition, totalité*. Qualquer movimento social você pode classificar em termos: qual é a identidade do movimento, qual é a oposição, ele está contra quem, e o que é que ele quer, qual é o *enjeu* dele. Aquilo é fascinante. E aí ele pediu para a gente preencher. Escolha um movimento social qualquer e preencha essa ficha. Esse é o trabalho de fim de ano. Nossa! Aí eu comecei. “Como é que eu vou fazer isso?” E... “Ah, não, eu vou fazer o populismo”. E aí eu comecei a tentar aplicar esse populismo nos anos 30, nos anos 50, ver se eu conseguia, e eu fui indo, fui indo e... E falei: “espera aí, mas aqui tem uma coisa fantástica, aqui, nesse final de ciclo, que é a entrada dos camponeses que nunca participaram de movimento nenhum a não ser movimentos *refoulés*” –, movimentos de... milenaristas e coisas assim – “e que pela primeira vez estão na cena política participando como atores estratégicos dos grupos urbanos, que são os seus principais aliados”. Bom, aí, o que é que eu vi? Me agarrei com José Almino – parece que José Almino vai ser ministro da Cultura agora. José Almino, filho do Miguel Arraes. E aí comecei a conversar com ele: “Como é esse negócio de Liga Camponesa, como é que era? – Não, Julião era assim, era assado”. Aí eu comecei um papo danado com José Almino, falei: José Almino, eu estou aqui com umas fichas que eu tenho que preencher e tal... Aí daqui a pouco, Arraes veio da Argélia, também conversou e tal. Quando eu vi... Eu comecei a preencher aquilo... E eu propus ao Touraine que em vez de... Cada um estava propondo lá suas coisas. Mas eu vi ali que aquelas perguntas não eram suficientes, que tinha, pelo menos, mais umas quinze ou vinte perguntas que deviam entrar no negócio. Aí eu comecei a estender. E o trabalho, deu um trabalho alentado, ali de umas 40 páginas, por aí, com essa coisa das Ligas. Que eu comecei a comparar sindicato rural com liga camponesa, dizer que eram dois movimentos. Então aí, e foi aí que o Touraine me chama para conversar com ele. Eu estava grávida, quase minha filha nascendo ali. Aí ele disse... Eu cheguei

lá, e a secretária disse: “Olha. O Touraine chegou aqui dizendo que *il a eu une très bonne soirée avec mademoiselle Alcantarrá* ”. Teve uma noite muito agradável com *mademoiselle Alcantarrá*. (risos) Eu falei, bom, então... Pode ser que ele tenha gostado. Aí ele comentou as coisas mais interessantes, imagináveis daquilo, tirou mil ilações, que nem eu imaginava, daquilo que eu tinha escrito, gostou muito; e, três dias depois, ele me chamou e falou: “Olha, você quer ser minha assistente?” Aí eu fui ser assistente dele na Universidade Paris I, que era o IEDES, Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social. Então, lá vou eu para o desenvolvimento de novo. Ali, eu fui assistente dele, Castells, Alain Jochs e Godelier, que era uma paixão Godelier. Até hoje, as coisas que o Godelier me ensinou ali, eu me encanto. Essas coisas de pigmeus da África e coisas incríveis. Então foi isso.

C.C. – No meio do curso preparatório, você pega maio de 68 lá, né?

A.C. – Peguei maio de 68.

C.C. – Como foi tua experiência?

A.C. – Daniel Bertaux era meu professor também, que depois foi presidente da Associação Internacional de Sociologia... Ou de? Francesa, não é? Academia Francesa de Sociologia. O Bertaux, que é o homem das histórias de vida. E ele, no curso, para você ter uma ideia, 67 eu entrei, 68, maio de 68 foi logo depois que eu entrei. Assim, ele... Eles eram todos formais, chamavam-se de *vous*, *vous* não é você, *vous* é senhor, tudo sério e tal. E aí, aquela história, aquela confusão danada, a gente vai lá, vê briga, arrancam os *pavés* da rua, verdadeiras barricadas, mesmo, no meio da rua e tudo, e nós excitadíssimos, Moacir e eu... Eu fiz muita amizade com Moacir Palmeira lá, que é meu querido amigo, uma pessoa muito, muito importante também na minha vida intelectual e que me ajudou muito, também, em muitas coisas. E, bem, aí a gente ficava lá conversando e tal. E um belo dia... Disse: “poxa, o que é que está acontecendo? A França não é a mesma mais”. Todo mundo traumatizado ali com aquela coisa. E um belo dia, eu entro no ônibus – eu morava perto do parque Montsouris – e está o Bertaux dentro de ônibus, e de repente ele chega para mim com os braços abertos... “*Aspasia, comment vas-tu?*” Produziu-se uma revolução cultural nesse país. (risos) Porque este homem era todo cerimonioso, cheio de nove horas, formado pela *Ecole Polytechnique*, assim, a fina flor da elite intelectual francesa, e de repente ele me chama de *tu*, não sei que. E

aí era um papo de quebra-quebra mesmo. “O que é que está acontecendo? E na América Latina, como é que é o Brasil?” *Nunca* eles se interessaram pelo Brasil nem por nada de América Latina nenhuma. Eu contei para vocês o meu isolamento ali naquela turma, que eu era totalmente solitária, ninguém se interessava pelo meu destino. E ele: “Não...” E querendo conversar, “vamos nos encontrar e vamos...”. Eu falei: “realmente, essa coisa...”. O resumo da ópera é esse: a universidade mudou, as relações humanas, sociais mudaram, e realmente, o Bertaux é um símbolo um pouco dessa mudança. Tudo mudou. E com isso o Touraine foi para os píncaros. Porque ele escreveu o livro sobre a sociedade pós-industrial e o comunismo utópico, que foi um marco. Junto com o livro do Daniel Bells são os dois grandes marcos da reflexão sobre as sociedades pós-industriais. Eu ousou dizer que minha vida... Eu nem tinha ideia do que aquilo ia fazer comigo. Porque eu estava ali falando do Brasil arcaico, que estava... Mas, na verdade, o que estava sendo inseminado ali e que ia aparecer, ia eclodir na minha vida mais tarde, era esse compromisso com a sociedade pós-industrial mesmo, que, hoje, é tudo que eu faço, só penso nisso.

M.G. – Além do Moacir, que outros brasileiros você conviveu naquela época, que você teve contato, o pessoal que está aí nas Ciências Sociais? Você lembra de mais alguém?

A.C. – Caramba. Ali, todo mundo passava por Paris. Eu já nem me lembro. José Almino era uma pessoa importante. Mas tinha muita gente ali.

C.C. – Celina você conheceu lá?

A.C. – Celina, não. Celina foi minha aluna na PUC. Foi minha aluna na PUC. Aí depois, quando ela foi para lá...

C.C. – Você reencontrou lá.

A.C. – E ficou pouco tempo e tal. Mas discutimos muito, conversamos. E foi aí que... Quando ela decidiu fazer o CPDOC ela me escreveu, dizendo que queria muito falar comigo e que queria me oferecer um papel importante aqui na Fundação do centro, que ela não tinha uma pessoa para dar uma visão mais intelectual e mais forte da parte de pesquisa e tudo, que ela precisaria dessa contribuição, se eu quisesse. E aí eu fiquei um pouco na dúvida, porque tinha

também a possibilidade de ir para o Iuperj. Então eu tive que fazer essa escolha, de certa maneira, entre o Iuperj, tentar ir para o Iuperj, e ir para o CPDOC.

M.G. – E o que é que pesou para definir?

A.C. – Eu acho que é o meu espírito aventureiro.

C.C. – Iuperj era novo ainda. Tinha o quê? Cinco anos?

M.G. – Iuperj era de 68, por aí. Final da década de 60.

C.C. – É, 68. O museu é de 69... ou vice-versa.

A.C. – Eu acho que foi meu espírito aventureiro...

C.C. – Mas você já ia voltar de qualquer forma? Ou foi a partir do convite da Celina?

A.C. – Não, eu ia voltar de qualquer forma. Porque a avaliação que o meu marido fazia, e que eu não discordei dele, é que nós estávamos num momento ali muito importante de definições, ou nós íamos nos estabelecer na França, ficar lá para o resto dos nossos dias, aí eu ia para SNRS, ia me ligar lá com a *Ecole des Hautes Etudes*, ia fazer minha carreira lá, ou então nós voltávamos. E a sensação dele é que... – e ele tinha toda razão, eu sentia a mesma coisa – é que aquela sociedade era uma sociedade meio que encastelada, uma sociedade enrijecida, uma sociedade sem criatividade, que estava em tudo, na arte, na ciência, em tudo, estava um pouco, vamos dizer, deu o que tinha que dar. Pouco espaço para criatividade, para coisas novas, etc. E isso ele sentia na arte, muito fortemente, também; que ele era parte do movimento modernista, um movimento de vanguarda e tudo, e ele via ali a França muito fechada; e ele mesmo, apesar de morar na França e ser praticamente francofone e tudo, ele fez, na verdade, o melhor da carreira dele, a base foi Londres e foram os países europeus, mais do que a própria França. Então havia esse sentimento assim, de que o Brasil era uma coisa, que além de ser nosso país, da gente gostar muito e tudo, que era um país que tinha muito mais... Oferecia muito mais oportunidades.

C.C. – Você voltou quando?

A.C. – Março de 74. E eu cheguei a primeira coisa que eu fiz foi ingressar na FGV.

C.C. – E o que era o CPDOC nessa época? Ele foi criado em junho de 73, se eu não me engano. Quer dizer, a criação formal.

A.C. – É. O CPDOC era única e exclusivamente um depósito de arquivos. Era isso que ele era: um depósito de arquivos. Já tinha algumas pessoas trabalhando, fichando, etc. o material. Os arquivos que nós tínhamos aqui eram dois, Getúlio Vargas... Aliás, dois, Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha. E depois, logo, mal eu cheguei, veio o Antunes Maciel para cá também. Então, era nada. Mas a aventura começou aí, porque quando a... Nós tínhamos muito pouco instrumento aqui, a Fundação estava numa fase difícil, o Brasil estava entrando numa fase difícil e tudo, então não era um lugar para você ficar fazendo grandes extravagâncias; mas, quando nós pensamos em organizar a pesquisa, eu acho que eu fui muito generosa, porque eu fiz uma coisa que ninguém na área acadêmica teria coragem de fazer, que era abrir o chakra para olhar os arquivos e para se inspirar um pouco naquilo que estava nos arquivos e ver o que é que a gente podia fazer de estudo mais consistente sobre o período. Então, eu fiz uma espécie de uma imersão nos arquivos, para poder fazer a estratégia de montagem da pesquisa aqui. E, para isso, nós não tínhamos aliado nenhum, porque os historiadores brasileiros, os qualificados, as pessoas competentes e tudo, eles estavam muito imbuídos nos seus temas. Você tinha o... Gente, pessoas como Maria Eulália, como... Como é que chama? Amigo da Maria Yedda? Calmon? Não. Calazans? Não.

C.C. – O Francisco Falcon.

A.C. – Francisco Falcon, todos esses, eles eram pessoas que tinham uma bagagem, eram pessoas competentes e que não estavam dispostos a sair da sua universidade ou do que estava fazendo, historiadores clássicos, tradicionais, para vir aqui, numa aventura, procurar algum assunto.

C.C. – História contemporânea também. Era uma novidade.

A.C. – É, história contemporânea, também não era. Então... Aí começou a aventura. A Faculdade de Filosofia tem o seu papel aí. Com esse meu holismo incrível, que o Touraine acentuou... Porque o Touraine é um macro historiador, ele vê a realidade nos três planos: da historicidade, das instituições e das organizações, então ele atravessa esses três níveis, e então é uma coisa macro. E o que é que a gente queria entender? No fundo, a grande questão era

saber que revolução foi aquela, a tal de 30, que era uma confusão medonha. Os paulistas tinham lá as suas teses meio que... Um pouco marxistas, mas difíceis de você entender, porque aquela estrutura de classes e lutas de classes ou de facções de classes não conseguiu explicar direito o que aconteceu; e eu estava com a bagagem da minha tese, porque eu fiz a minha tese e defendi essa tese sobre o Estado brasileiro, no fundo era isso, sobre as oligarquias e o movimento camponês brasileiro como o grande... O assunto, que era da... A reconstituição da crise política que se viveu a partir desse período; e, de fato, eu estava com aquelas ideias sobre o Estado, que eu mantenho. A ideia de que o Estado tinha três funções. Uma função era ajuste externo, a outra função era articulação regional – isso está claramente definido na minha tese... O Estado tem três funções: uma é articular com o exterior, o dentro e o fora, com o mercado internacional, que hoje está aí, a globalização, essa coisa toda; a outra é a articulação interna das oligarquias regionais; e a terceira era a política de clientela. Que, aliás, eu reli uns textos agora, para dar cursos na UERJ, que eu fiquei maravilhada, os textos de Joaquim Nabuco, absolutamente magistrais, sobre isso. A política de... Aliás, usei na minha tese. Eu usei! Só que eu li novos textos, mais bonitos ainda do que aqueles que eu tinha usado, que era da política de clientela. O Estado serve para absorver a mão de obra que não pode ser absorvida por uma economia que é pobre e de dinamismo muito reduzido; então você não tem como pegar os talentos e jogar na inovação, jogar na frente da... Na linha de frente da economia; você vai ter que absorver pelo Estado, sejam essas pessoas protegidos políticos, sejam talentosas criaturas que estão por aí, como no caso, por exemplo, o Drummond, Carlos Drummond de Andrade, que foi ser chefe de gabinete do Capanema, etc. Então isso foi fundamental para entender a dita Revolução de 30, que foi uma coisa que a gente logo começou a mexer com isso.

C.C. – E como é que você foi criando o grupo de pesquisa do CPDOC?

A.C. – Bom. Foi simples. Era eu e Deus e cinco estagiários. Cinco. Que a gente catou estagiários, ganhando como estagiários, uma coisinha aí. Eu não sei quanto que seria hoje, mas vamos dizer que fosse 500 reais, não sei, mas não mais do que isso.

C.C. – É o que ganha o estagiário hoje.

A.C. – Mais ou menos isso. E era estagiário de graduação. Mas quando eu cheguei, duas pessoas já estavam aqui, a Nena e a Marel. São duas danadas de meninas.

C.C. – Nena é?

A.C. – A Nena Magalhães Castro.

M.G. – Maria Helena.

A.C. – Maria Helena. E a outra é a Marel, que hoje trabalha no Icatu. E elas estavam remexendo os arquivos do Getúlio. Então eu comecei dando uma olhada nos arquivos. E aí tive tremendas surpresas, como por exemplo, ver que não havia uma linha nas cartas do Getúlio sobre legislação trabalhista, nem sobre trabalhador nem sobre nada disso. Nada. Eu falei: “mas que coisa! Coisa interessante isso. Não tem uma linha”. E aí chegou o arquivo do Collor, também não. E eu acabei descobrindo, graças à Dulce, que era também... Que a Dulce veio um pouquinho depois. Aí veio a Dulce, você chegou...

M.G. – Depois.

A.C. – Você chegou especificamente, Mário, para trabalhar comigo só na questão das Ligas Camponesas, que eu queria completar o trabalho, aí o Boris Fausto tinha me pedido para escrever esse trabalho.

C.C. – História Geral da Civilização Brasileira.

A.C. – Então ele ficou cuidando dos anos 50, lá das Ligas Camponesas, início dos 60. Era uma coisa meio isolada aqui. A Maria Celina estava aqui com a Celina, já estudando Getúlio. Maria Celina D’Araújo. E essas duas meninas.

C.C. – Lucia já tinha vindo, Lucia Lippi?

A.C. – Não. A Lucia eu puxei depois.

C.C. – Alzira também?

A.C. – Alzira não, ainda não tinha chegado. Era eu mesma. Aí, o que é que eu fiz? Eu fiz uma estratégia, dizendo olha: nós temos que montar aqui um grande coisa de pesquisa sobre as elites brasileiras, e voltar para aquele meu negócio anterior de comparar 30 com 50. Na verdade, o que eu senti é que havia um enorme vácuo na história política dos anos 30 e,

consequentemente, na ciência política que poderia ser aplicada a esses anos 30; e que tudo que se dizia, essas coisas do Carone, etc., eram interessantes mas que, do ponto de vista da interpretação mais sofisticada política, não eram suficientes. E os livros do Hélio Silva, que saíam um por mês e que... Eram o que eram, uma compilação fantástica de documentos e... Quem quiser que se dane. Vá lá analisar o que é que está acontecendo ali. Então, de fato, a Rosa Maria D'Araújo veio também, ficou com o Collor, que deu o livro dela *A Invenção do Trabalho*. Nós produzimos um pedaço desse livro juntas. Depois ela fez um outro pedaço sozinha. E que mais? Bom. Aí a aventura foi o seguinte. Dulce... Como é que Dulce chegou? Ela chegou e começou a trabalhar com Pernambuco. Porque aí eu já estava com uma estratégia.

C.C. – Agamenon já tinha chegado ao arquivo?

A.C. – Agamenon chegou logo depois. Não, Agamenon chegou depois. Mas a grande questão foi o seguinte. É que nós percebemos que aquela linha do regional era a única que explicava tudo. Era o regional. Só tem regional aqui. Só tem briga regional, só tem aliança regional, só tem... A política maquiavélica aqui é nessa coisa. Até, depois, escrevi esse livro sobre o carisma e personalidade política, falando disso; que o Getúlio... Aí a gente vê que o Getúlio estava muito fraco em 30, ele não era nada. Quem fez essa revolução, de certa maneira, foi o Oswaldo Aranha. E que ele era um grande político. Mas, exatamente porque a confusão era demais, ele deixou Oswaldo Aranha tentar lá, aventureiramente e imaturamente, avançar o que desse. E depois, deu, aí ele... *Se o cavalo passa montado suba nele!* Ele subiu. Ele próprio subiu no cavalo. Mas a grande questão era: como é que isso foi possível? De um Estado fragmentado, saindo de uma oligarquia agrária completamente obsoleta, etc., como é que você dá esse salto extraordinário. E a contribuição que a gente deu, nessa fase, que eu comande a pesquisa aqui, foi exatamente a de mostrar que o grande nó da história era: em primeiro lugar, as alianças regionais, para neutralizar o regionalismo remanescente lá da República Velha, e os militares, para alavancar um novo pacto político, que pudesse superar aquelas regras, aquele jogo oligárquico tradicional e dar uma certa sofisticação, aumentar o poder... Aí volta o Karl Deutsch, o meu querido Deutsch. Porque é exatamente isso que ele mostra, que nos sistemas políticos dos impérios, que ele analisou bem uns 50 impérios em período diferente, que na verdade você tem modos de centralizar, graus de centralização e descentralização diferentes. Então, na verdade, o que aconteceu é que você tinha uma descentralização na República Velha e depois teve outra descentralização no Estado Novo e para frente.

M.G. – Aspásia, queria lhe fazer uma pergunta anterior a isso. Uma curiosidade que eu tenho. Duas instituições tiveram papel bastante importante – pelo menos duas, teve mais do que isso, mas pelo menos duas tiveram papel muito importante – na consolidação tanto dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais, Ciências Humanas de uma maneira geral, Ciências Sociais de uma forma mais específica, no Brasil. Esse período, final dos anos 60, início da década de 70, vamos pensar no Rio de Janeiro, Museu Nacional, IUPERJ, o programa de pós-graduação em História da Fluminense também, e na criação desses centros autônomos de pesquisa, o Cebrap, CPDOC. Uma foi a Fundação Ford, que eu acho que teve um papel menor, talvez, aqui, e a Finep. Como era conseguir financiamento, por exemplo, da Finep, para fazer pesquisa em Ciências Humanas num período difícil, politicamente falando, no Brasil, autoritário? Como foi possível obter recursos de um órgão de fomento público para financiar a pesquisa e a criação de centros de pesquisa, de centro de pensamento crítico durante o regime militar? O regime militar, ele vai criar o sistema de pós-graduação em Ciências Humanas no Brasil.

A.C. – É. Eu acho que isso, essas instituições, elas... Por exemplo, a Ford, eu recebi dinheiro da Fundação Ford, na França, para terminar a minha tese. A bolsa. E eu acho que a criação do Museu Nacional e do IUPERJ, realmente, deram uma encorpada no Rio de Janeiro fantástica. E aqui, mais uma vez, o Cândido Mendes teve um papel incrível, porque ele bancou, com recursos próprios, uma entidade privada custo zero para os alunos. Quer dizer, isso não existe, esse nível de patrocínio. Mas... Eu acho que essas instituições, elas ocuparam um espaço muito grande aí de formação de uma nova qualificação profissional, de novos profissionais, de outra qualidade, de outra concepção. Acho que o papel do Museu Nacional e do IUPERJ foi muito grande. Eu fiquei muito... Por exemplo, aqui no CPDOC, eu ficava muito amparada, porque eu achava que essas duas instituições me permitiam enfrentar uma certa dispersão, aqui, historiográfica e também documental. Porque a documentação ela é classificatória, mas ela não é analítica. Então, eu dei aula no Museu Nacional, logo que eu cheguei no primeiro ano, 74, eu dei aula no Museu Nacional, 75, eu dei aula no IUPERJ, fiquei muito ligada com essas duas...

C.C. – Quem eram os seus principais interlocutores nessas duas instituições?

A.C. – Olha. O Moacir sempre foi. Mas o Moacir estava aqui já. Era o Moacir. Na verdade, foi o Moacir Palmeira que mais... Mas eu, depois, eu fiquei amiga de todo mundo, do

Roberto da Matta, do Gilberto, tudo isso. Mas, era uma turma de excelência ali. Havia o pessoal, também, que trabalhava mais com índios e tudo. Mas, enfim, era um grupo ainda muito restrito também. Depois é que a coisa se alargou. E no Iuperj, idem, eram todos meus amigos que estavam aí. Wanderley e eu fiquei, aqui, um pouco isolada, eu me sentia um pouco isolada, por causa da natureza do trabalho. Porque havia uma massa de profissionais muito ligados à documentação e que os meninos eram meninos ainda, era um povinho que estava todo procurando seu caminho. Até que nós conseguimos fazer um livro, um volume, que foi sobre 33. Nós estudamos muito a conjuntura. Estudamos 33, estudamos... Eu tenho um trabalho sobre a Revolução de 30 que demarca, um pouco, uma visão nova da Revolução de 30, como se fossem três revoluções numa, a primeira é oligárquica, a segunda é populista e a terceira, a luta armada militar. E aí veio esse trabalho, que foi coordenado pela Ângela e que foi muito bom, da Constituinte. Nós temos muitos estudos aqui. E aí as coisas começaram a ganhar uma conotação mais clara do que estava em jogo ali, em termos instituições, em termos de qual era o tipo de democracia que você estava implantando ali naquele momento, as dificuldades regionais dessa democracia, e foi aí. E nós culminamos esse trabalho com *O golpe de 37*, que eu reputo ser um livro de grande fôlego, porque ele, realmente, põe o dedo na ferida de muitas coisas, inclusive a própria questão da Intentona, chamada Intentona Comunista, que eu acho que a gente dá uma interpretação, ali, bastante madura sobre o que significaram aqueles problemas, já à luz, também, da história oral e da visão dos atores. E aí, esse foi um ponto importante também. Porque, de fato, eu fiquei um pouco dividida porque logo em 75, a gente começa essa aventura de montar um programa de história oral aqui. E mais uma vez...

C.C. – Como é que foi isso?

A.C. – Foi uma coisa difícilima. Porque os programas de história oral que existiam eram programas de inspiração americana e com uma conotação documental extremamente tosca.

C.C. – É. Universidade de Columbia tinha uma.

A.C. – É, Columbia, a biblioteca do Congresso guardava, depois tinha muita coisa, assim, em nível local, cidades que guardam as suas histórias, os seus depoimentos aí de pessoas ilustres, etc. Então era uma coisa muito... Que, vamos dizer, que o mundo acadêmico repelia. Havia uma repulsa. E isso foi uma coisa seríssima, que eu tive que enfrentar, porque houve

palco internacional para isso. Eu tive que enfrentar as feras, os grandes desse mundo, que estavam envolvidos com uma visão mais de movimento social, a visão dos vencidos, assim chamados. Você tinha, por exemplo, uma amiga minha, aliás, que eu fiquei muito amiga, Eugenia Meyer, no México, que trabalhava com a revolução zapatista, mas que tinha uma visão historiográfica clássica, tradicional. E que essa então, as vezes que ela esteve no Brasil, aí não agradava nem a antropólogo, nem a cientista político, nem a nada, porque ela era historiadora mesmo e ela estava ali reconstituindo aquele movimento social e tudo mais. E tinha também o John, como é que era o nome dele? O grande inglês.

C.C. – Paul Thompson.

A.C. – Paul Thompson. Paul Thompson, que ficou muito meu amigo...

C.C. – *Voices of the Past*.

A.C. - *Voices of the Past*. Que era aquela visão, também, dos esquecidos.

C.C. – E que era uma espécie de uma outra história, história contrapelo, aquela coisa de baixo para cima.

A.C. – É. De baixo para cima, que é bem interessante. Só que o que eu estava querendo fazer era uma outra coisa. Eu estava querendo reconstituir o campo político das elites, entendendo por elite o que se pode se dizer que eram as pessoas que tomavam as decisões, que tomaram decisões estratégicas, no curso desse processo tumultuadíssimo da história brasileira. Então a ideia de estudar elites políticas pela via da história oral causava urticária e repulsa a muita gente. E aí começou uma discussão incrível sobre metodologia. E, na verdade, todo o esforço que eu fiz foi introduzir a história de vida como instrumento de... Não só de orientação da coleta do material, porque se não tiver alguma coisa consistente você pode ouvir qualquer coisa... Porque a única história que você pode contar mais ou menos direito é a sua, as outras, você vai dar uma contribuição aqui, outra ali, mas você pode estar dizendo coisas, também, distorcidas. Então a ideia da história oral é que a história oral era um instrumento de controle da informação, porque uma pessoa não pode mentir sistematicamente sobre a sua própria vida durante muitas horas, em algum momento, ela vai se atralhar; e a segunda era que não bastava uma entrevista, era preciso ter um grupo de entrevistas correlatas, para poder te dar uma visão

do campo, do campo político. E isso era tão importante porque, de fato, eu ouvi, nós ouvimos aqui, o CPDOC ouviu, por essas gravações, coisas inacreditáveis; de Amaral Peixoto e Cordeiro de Farias dizerem a mesma coisa, olhando para os acontecimentos com o sentido contrário. Por exemplo, ambos dizem que Getúlio Vargas, no segundo governo, era um homem enfraquecido, desanimado e sem força. Ambos disseram isso. E, no entanto, o segundo governo foi o que consagrou o Getúlio como herói desse país; e, no entanto, os dois dizem isso: que os problemas que levaram o Getúlio a perder o controle do processo é exatamente porque ele estava velho e enfraquecido e não tinha comando mais, e nem sabia trabalhar com a democracia. Os dois dizem isso, que não sabia trabalhar com o sistema aberto. Porque ele tinha tido o momento de glória num Estado mais forte.

C.C. – Essa riqueza da fonte oral, ela vai demorar um tempo até ser bem aceita no meio acadêmico, aqui no Brasil.

A.C. – Eu não sei. Você acha que continua difícil assim?

C.C. – Não, hoje não. Estou falando desses anos iniciais. Por ser muito empírico, por ser individualizado.

A.C. – Ah. Nesses anos, foi uma tragédia. Porque isso foi uma verdadeira... Se não fosse a minha profunda vinculação acadêmica e o respeito que as pessoas tinham por mim, isso não tinha ido muito longe, não. Porque, a rigor... Eu até tenho em casa, e vocês não têm aqui as matrizes iniciais do que seria a entrevista, não do ponto de vista da... Porque tinha uma história que eu construí, que era a ideia de que você tem que superpor uma cronologia a uma biografia. Então, a cronologia é a biografia da história que você quer reconstituir. E a biografia é a tua história. Então isso aqui tem que estar como se fosse um papel transparente, uma coisa em cima da outra. Onde é que esta pessoa está naquela coisa. Então se você não tiver a estrutura do processo montada e os elementos da vida, da biografia devidamente conhecidos ou reconhecidos, você não vai saber fazer a interseção dos dois. Se eu estou, num determinado momento, em determinado lugar, eu vou poder dizer coisas sobre isso. Então a primeira questão era essa.

C.C. – O Bertaux e as coisas dele te ajudaram nesse momento.

A.C. – Me ajudaram. Mas, quando o Bertaux entrou, eu já estava com tudo isso pronto. Tudo pronto. Porque o Bertaux, ao contrário, o Bertaux se surpreendeu e se encantou com o negócio, me levou para tudo que é seminário em... Já nem me lembro. Onde é que foi mesmo? Foram dois seminários internacionais que a gente foi e que eram... Ah. Um foi... Não. Upsala, eu não pude ir, porque eu estava com... Com um problema, eu tive um bebê, uma coisa assim.

M.G. – Upsala é dos brasilianistas, não é? Não, não, dos americanistas.

A.C. – É. Não, não. Mas eu... Deixa eu ver. Eu vou lembrar para vocês e dizer. Um foi na Espanha e outro foi... Onde foi, meu Deus? Acho que foi em... Não sei.

M.G. – Mas quais foram as matrizes? Em quem você se baseou para idealizar esse programa, esses questionários? Quais foram as bases?

A.C. – Eu, eu mesma. Porque, na verdade, essa matriz que eu construí, até posso mostrar para vocês, eu acho que tem Touraine nisso, porque eu estava pensando num campo, em que você tem que ter uma identidade, você tem que ter oposição, você tem que ter totalidade, e que você tem que... A partir de algumas entrevistas que eu fiz, e a do Cordeiro de Faria foi piloto nessa história, eu comecei a perceber que havia algumas coisas que eram extremamente importantes para você explorar na entrevista. Por exemplo, tem um negócio que eu anotei lá: – outro dia eu estava relendo – a dialética do público e do privado. Eu botei lá. Você sabe que isso aí é uma coisa *crucial* na política, porque você sempre vai ter que, na hora de tomar a decisão, juntar o público com o privado. Isto é, você vai ter que tomar uma decisão pública, mas você vai ter interferências privadas no seu processo. E vai ser permanentemente, um estado de tensão, em que um ou outro ganha, ou você vai ter que fazer algum investimento naquilo ali para poder resolver aquela pressão e aquela contrapressão. Mas isso eu botei assim, falei: “presta atenção, cada vez que você estiver conversando, você vai tentar esclarecer como é que a coisa funciona”. Isso foi uma das coisas. Mas havia outras. Composição das elites, origens, a matriz da socialização política, a gente começa a perceber que tem sempre um momento mágico em que... É o batismo político. Então, tinha muito de antropologia ali também. O batismo político e tal. E a ideia era ouvir os dois lados do grupo que dominou o Brasil nessa época e...

C.C. – Essa geração dos tenentes que tinham sobrado...

A.C. – A geração dos tenentes. E aí você descobre uma série de coisas. Eu tinha muito dessa coisa antropológica. Que eu não sei se conseguiu ser preservada, por causa de tempo e essas coisas todas, que, hoje em dia, é mais complicado, mas...

C.C. – Acho que sim. Tem bastante antropólogo por aqui.

A.C. – É. Eu acho que é muito bom. Porque você tem um material de boa qualidade. Tinha coisas interessantes, que eu nunca mais esqueci. Por exemplo, o Delso Mendes da Fonseca, ele dizia: “Não, eu morava no Rio e não podia ir para o Piauí, para minha terra natal” – “Mas por que o senhor não podia ir?” – “Porque não dava tempo. Porque o navio levava 20 dias para ir, vinte para voltar, eu só tinha 30 dias de férias, não podia ir”. Então, são coisas assim, que você nem imagina que pudessem existir nessa época e que... E que você vê também os compadrios, aquelas conexões todas ali.

C.C. – Você está falando da relação, nesse momento, muito com a área das Ciências Sociais mesmo, mais do que com a História, na época. A História não entrava muito...

A.C. – É. Sim, sim. Sim, porque eu achava que a História... Por exemplo, eu sempre fui muito ligada com a História e muito, muito envolvida com a História. Como eu te disse, disse a vocês, o meu curso, parecia até brincadeira, todas as disciplinas, a gente fazia história daquilo. Aquelas *enclosures* inglesas a gente já sabia de cor e salteado, porque todo curso acabava nas *enclosures*, como é que tinha sido a passagem do rural para o urbano e da indústria para... Então, nós tínhamos muito história no sangue. Mas o que nós achávamos é que a história descritiva, eu, pelo menos, achava que a história descritiva tinha que ser superada e que ela não era suficiente. Até porque, quando você vai descrever alguma coisa, você sempre pode ter o talento suficiente para descrever uma coisa direito, mas aí você tem que pegar um episódio ou um personagem. Aí, cabe isso. Mas se você quer entender um período, não adianta. Você vai contar como? Você tem que tentar compreender, aí sim, weberianamente, a *weltanschauung*, mesmo, da coisa. E tinha lá uma coisa chamada *weltanschauung*. Qual é a visão de mundo? Como é que mundo comparece nessa história. E o *verständnis*, a ideia de *verständnis*, da compreensão que você entra dentro do personagem para entender o período que ele viveu. E aí eu tive uma certa briga metodológica, que eu fui muito agressiva e muito bem-sucedida, inclusive em seminários internacionais, dizendo assim: com que autoridade alguém diz para

alguém que a fonte oral é distorcida ou viciada e o documento não é? Um documento, uma carta que eu escrevi para você, quem é que diz que eu estou falando a verdade nessa carta? – Ah, mas é antigo, você não pode mudar. É verdade. Ele está congelado lá no tempo. Mas não quer dizer que seja verdadeiro. Você pode ter pregado uma tremenda mentira lá para o seu missivista, e como é que você descobre que é mentira? Se você tiver outras missivas, de outras pessoas, dizendo o oposto, ou dizendo – olha aquele fulano lá é mentiroso ou é não sei quê ou sei lá. Você tem que ter uma reconstituição de outros atores para poder checar aquilo que está sendo dito. E então, era um pouco isso aí. E depois eu achei que, também, eu tentei mostrar isso, que afinal de contas, por que é que nós vamos jogar o bebê com a água do banho? O melhor que a gente pode ter é a versão mesmo. Se você conseguir chegar a uma versão... E aí eu acho que esse... Tem um livro que eu fiz e que me encanta, e que ficou meio jogado assim, pelo... Assim um pouco negligenciado, que foi o livro do José Américo, onde eu testei uma metodologia completamente curiosa, que foi de reconstituir a história da Paraíba por pedaços de histórias contadas por aqueles paraibanos todos, que foi o único lugar onde nós fomos exaustivos. Nós entrevistamos eu acho que 70 pessoas, eu não sei, das elites paraibanas. Eu fiz esse trabalho com Eduardo Raposo. E ali, era tão estranho, porque nós ouvimos quase todos, praticamente, só um interventor que não estava vivo, interventores, etc. E os que eles contavam aí sim você vê a objetividade, porque os quatro diziam a mesma coisa. Aí eu dizia lá, eu dava como verdadeiro, e pegava as frases dos quatro e ia juntando. Quando havia uma bifurcação, que um pensava uma coisa, outro pensava outra, eu tirava e botava: fulano pensou isso, sicrano pensou aquilo. E tentava trabalhar o significado daquilo. E o livro ficou lindo. Ficou uma coisa assim: a primeira parte, eu e eles, que é a entrevista que eu fiz com José Américo, que já estava velhinho e tudo, e tinha escrito muito e muito bem, que ele tinha um estilo maravilhoso e tudo, mas, enfim, mesmo assim a gente fez essa entrevista com ele, que eu chamei *Eu e Eles*, e a segunda parte, *Ele e os outros*, porque aí era a visão dos outros sobre José Américo, e José Américo sendo fio condutor daquela confusão toda na Paraíba. Ficou lindo! É o melhor livro – enfim, que eu tenha visto assim, sintético, bonito, envolvente – sobre a história da Paraíba desse período. Foi bastante interessante. Então eu acho que os usos que a gente pode dar a esses atores são inúmeros. Mas houve essa batalha metodológica e houve a batalha, também, da própria qualificação da entrevista dentro de uma matriz que tivesse algum tipo de consistência. Nós fizemos, depois, também... É um que eu adoro. A gente podia editar aquilo. É tão bonito.

Aquela entrevista do João Severino Gomes. Nossa! Que beleza! Um camponês, que foi... Agora, vai se comemorar, eu vou lá, comemorar os 100 anos.

[Interrupção da gravação]

C.C. – A Lúcia Hipólito ia trabalhar como sua estagiária...

A.C. – Ela veio aqui. Ela tinha, enfim, uma vontade muito grande de entrar, de estudar, soube desse programa, e eu acho que tinha tudo, mesmo, para se encantar, porque ela tem esse temperamento de buscar os detalhes e as coisas, assim, minuciosas em torno de pessoas e fatos. Porque, no fundo, o que nós estávamos fazendo e tivemos também uma influência, *Le retour de l'évènement*, aqueles livros clássicos e tudo, que era um pouco a ideia de que o fato político não pode ser jogado fora porque a história social ganhou uma importância merecida. E o político continua sendo político, não vai se reduzir ao social. Ele tem o seu peso específico, a sua densidade própria. E isso foi muito importante, porque nós, na verdade, o que o CPDOC fez de mais valioso no conjunto da obra foi restaurar a importância e a dignidade da política, que foi levada às últimas consequências e que depois mostrou que o Brasil inteiro ficou de joelhos, porque você não faz um obituário, não faz nada sem você ir consultar as fontes e, logicamente, com um obituário baseado nos dados do CPDOC é muito diferente, do ponto de vista civilizatório, do ponto de vista da educação do povo, etc, muito diferente do que um obituário em que você, apenas, diz algumas coisas interessantes sobre as pessoas. Eu acho que dá para você fazer um julgamento muito mais adequado. Mas o problema ali era... A discussão era se a gente podia ou não ultrapassar esse limite do documental e do descritivo, vamos dizer assim. A gente queria ter mais do que o descritivo.

C.C. – É. O Hélio Silva fazia uma outra coisa. Ele até tinha um centro, que chamava...

A.C. – Exatamente.

C.C. – Agora o CPDOC foi criado, de certa forma, na contracorrente, quer da história social, quer da história dos vencidos também, e as elites e o empírico ficavam...

A.C. – É. É isso mesmo. Exatamente. E aí, o que nós estávamos oferecendo é o seguinte. Nós estamos trabalhando com critérios antropológicos, para estudar um determinado grupo, um grupo político determinado, e nós estamos estudando com critérios políticos, histórico-políticos, e não, apenas, com visões, com ideologia, vamos dizer assim. A gente está querendo, realmente, ir, se inspirar... Tinha um lado de fenomenologia nisso. Pode ser que eu deva muito disso, consciente ou inconscientemente, ao meu marido, na época, que era o Sérgio Camargo, que ele era um apaixonado pela fenomenologia. E as coisas são aquilo que elas são, como elas são vividas. O resto é quimera, é interpretação, é delírio. Elas são o que são as pessoas que vivem aquilo. Se todo mundo que viveu a Revolução de 30 viu ali, naqueles militares, o embrião de uma mudança radical, não adianta a gente querer dizer que esses tenentes eram isso, eram aquilo, eram... Era aquilo, era o radicalismo daquela época. Não adianta eu querer mudar esse problema. Eu posso gostar daquele radicalismo, ele evoluiu para uma coisa ou para outra, para o fascismo, para isso, para aquilo; mas o fato é que era radical sim: queria o salário mínimo, queria a reforma agrária, queria isso, queria aquilo. E essas coisas foram se diluindo como tudo, como agora. Você pega, agora, uma experiência incrível do PT, etc., de repente, aquilo tudo se transforma em patrimonialismo. Então, não é uma coisa que os atores tenham controle sobre a coisa. É a própria cultura, a própria força da cultura que, às vezes, se impõe de uma maneira, que ninguém pode fazer nada sobre isso. Mas, enfim, a gente queria muito ouvir a percepção e a interpretação do campo. Eu acho que é isso que é a história.

C.C. – A interpretação subjetiva dos atores.

A.C. – Nós estávamos trabalhando... E isso que eu digo, assim, aí eu devo muito ao Bourdieu isso também. A ideia de campo político, como ele trabalhou o campo intelectual, como trabalhou a coisa... Quer dizer, a ideia de campo político; que eu acho que é uma coisa que está totalmente em aberto e que pode ser muito bem utilizada ainda. Daqui para a frente, eu vejo muito caminho para isso. É uma coisa estruturalista, vamos dizer assim. A gente estava procurando um certo estruturalismo nesses debates...nessas entrevistas. Agora, eu era louca, porque em poucos anos, em qualquer coisa como cinco anos, quatro anos, eu fiz 750 horas de entrevista, sozinha. Uma época tinha ajuda aqui do... Esse professor, esse que morreu, da UERJ... Gente... Professor da UERJ, que morreu um gordinho. O pai dele era super conhecido. Mas agora eu estou com um lapso idiota. Mas, enfim, ele trabalhou uma época, meio... Era meia coisa, e depois a Lucia Hipólito entrou. E a Lucia Hipólito veio dizendo “tudo que eu

quero na minha vida é trabalhar aqui, é me dedicar a isso é aprender com você a fazer”, etc.. E ela foi, realmente, muito dedicada. E ficou. Pegou muito *know how* nisso, fantástico.

M.G. – Tinha o Paulo Farah na História Oral quando eu entrei, tinha a Lucia Hipólito, a Ignez Cordeiro de Faria e... E tinha mais alguém que eu não me lembro o nome. Tinha o Reinaldo, Reinaldo [INAUDÍVEL].

A.C. – É isso. Reinaldo [INAUDÍVEL]. É isso mesmo. Mas foram períodos curtos que cada um ficou. Um outro momento marcante foi a entrada da Lucia, porque como eu tinha, na minha formação intelectual, aquela preocupação tão grande com os intelectuais e com o pensamento intelectual dos 30 e dos 50, chegou um momento que eu disse: “Olha, Celina, está faltando aqui alguém aqui que trate dos pensadores. Porque nós estamos com uma casa aqui que tem um buraco no telhado. Porque como é que eu vou entender o que é que está acontecendo se eu não sei o que é que os intelectuais estão falando e refletindo sobre essa realidade?” E aí a Lucia entrou.

C.C. – Fez política e debate intelectual.

A.C. – Isso. Foi aí, foi aí que ela entrou. Foi aí que ela entrou, e eu fiquei muito satisfeita, porque, realmente, a gente tinha essa necessidade. Depois eu acabei, no livro sobre o golpe silencioso, fazendo uma matriz, em que eu tinha vários eixos, que tinha o eixo da economia, que ia do agroexportador para o industrial, tinha um eixo que era militares e elites regionais, também, disputando a centralização ou descentralização, e o outro eixo era empresários e trabalhadores, e o outro era pensamento intelectual da direita fascista e do radicalismo. O Getúlio ficou no meio. Getúlio ficou nesse meiozinho.

M.G. – Também passaram por aqui o Simon Schwartzman, o José Murilo de Carvalho.

A.C. – O Simon deu uma contribuição importante em duas coisas. Você me fez uma pergunta que eu não respondi. Ele fez um estudo primoroso sobre o Capanema e história da ciência, que eu participei, para a Finep.

C.C. – Estamos tentando atualizar agora.

A.C. – E a Finep, tem uma explicação, a Finep foi a responsável pelo CPDOC, porque tudo que a gente fazia era num nível de sacrifício, artesanal, minúsculo. Tudo numa esfera de minúsculo. Minúsculo. E o grande salto que foi dado nós devemos a uma pessoa que é o Dr. Pelúcio. O Dr. Pelúcio tinha uma veneração pelo Getúlio, uma admiração profunda e entendeu o alcance e a importância do trabalho que a gente estava fazendo. E aí ele apostou mesmo. Ele apostou. E aí nós crescemos. Foi aí que nós contratamos esses estagiários todos, que foram virando pesquisadores e fazendo as suas teses, seus trabalhos universitários e tudo. Então eu acho que o CPDOC é a única experiência que eu conheço de uma coisa que saiu de... Que brotou de dentro, de uma raiz muito incipiente, muito... E desabrochou e cresceu e multiplicou. É incrível. Eu nunca vi isso.

C.C. – O seminário internacional da Revolução de 30, em 1980, teria sido um marco na história do CPDOC em termos de exposição pública de trabalhos e pesquisas ou você teria outro marco?

A.C. – Eu acho que aquele trabalho, inclusive, foi sensacional, realmente. Eu gosto muito do trabalho que eu fiz ali, por causa dessas três versões da Revolução; e tem o trabalho fantástico do Murilo...

C.C. – É, sobre os militares, que ele coloca novidade.

A.C. – Muito bom. Muito bom. Eu acho que é um volume importante, sim. Eu acho que ali a gente mostrou – e com o trabalho sobre a Constituinte – a gente mostrou que nós estávamos realmente dando uma leitura diferente daquilo tudo.

C.C. – Da história do Brasil.

A.C. – É.

[Breve interrupção]

C.C. – Entrei como estagiário em 83 estava fazendo dez anos de CPDOC, e as pessoas que estavam na Fundação falavam muito numa fase heroica dos anos iniciais, em que...

A.C. – Você entrou em 83?!

C.C. – Entrei em 83, como estagiário na documentação.

A.C. – Mas olha gente, que coisa incrível isso. Celso...

C.C. – Aliás, você tem um papel importante na minha autoestima acadêmica.

A.C. – Hein?

C.C. – Você tem um papel importante na minha autoestima acadêmica.

A.C. – É? Por quê?

C.C. – Eu estava começando a fazer a pesquisa sobre os militares na Academia Militar das Agulhas Negras, na formação.

A.C. – Não. Espera aí um instantinho. Isso é importante.

C.C. – Não. Desculpa. Não.

A.C. – Não. Eu acho que agora, ele é que é importante agora. Repete aí.

C.C. – Achei que estava parado. (risos)

A.C. – Repete, que você está falando uma coisa boa, boa para você e para mim também.

C.C. – Bom, então vou contar isso. Mas é verdade. Eu estava trabalhando na documentação e era um... Comecei a fazer meu mestrado no Museu, com Gilberto. E aí, nos primeiros meses, eu tinha feito uma pesquisa sobre os militares, resolvi tentar fazer na Academia Militar, a formação do militar e tal. E aí acho que o Gilberto te deu um pré-projeto, alguma coisa minha para ler. Um dia, eu estava saindo do CPDOC, você entrou e falou: “Celso, você está estudando a coisa mais importante que a gente tinha que estudar agora: a socialização dessas elites. Porque a gente estuda as elites... e a socialização...” Falou na frente de um bando de gente. Fiquei tão contente. (risos)

A.C. – Que bom!

C.C. – Eu estava meio um pouco baixo-astral, com uma certa esquizofrenia, o que eu estudava no Museu e trabalhava no arquivo e tal, e você juntou aquilo ali...

A.C. – Não, mas é verdade. Foi muito bom mesmo.

C.C. – 87, talvez.

A.C. – Mas olha, eu estou estarelecida, porque eu não pensei que fosse tão longe. 83 é muito antigo.

C.C. – Mário entrou em?

M.G. – Eu entrei em 77.

C.C. – Nossa!

M.G. – Eu também devo a minha carreira aí à Aspásia. Acho que se eu sei fazer pesquisa hoje foi graças ao estágio que eu fiz com ela. (risos)

C.C. – É. Eu fiquei na documentação, você entrou na pesquisa. Mas essa mistura de documentação e pesquisa é uma coisa, também, muito... E pesquisa também em história oral. Quer dizer, um método que também cria fontes. Ela é muito única, muito rara. Porque você tinha só centros de documentação, só documentação, instituições só de pesquisa. O CPDOC nasce um pouco... Embora com um certo lastro arquivista, no início, mas logo, com a sua chegada, isso começa a inovar.

A.C. – É. Eu acho que foi o maior risco, o maior risco que eu corri na minha vida, porque eu estava saindo de uma tese que tinha um fôlego assim muito grande, por causa dessa minha... Enfim, meu alimento lá, minha influência do Touraine, que foi libertária para mim, porque é o tipo de intelectual que não tem limite para o que ele pensa, e eu me lembro que isso eu transmiti muito para a equipe e para os meus alunos também, na época; que chegava em sala de aula e dizia: “se alguém disser para vocês para vocês não terem ousadia na hora de escrever um trabalho, não acreditem, porque isso está errado; você tem que ter toda ousadia do mundo”. Porque, nos países desenvolvidos, é assim que acontece. O particular vira o geral. Eu faço um bom estudo lá sobre os trabalhadores da fábrica Renault, não sei o quê, e aquilo vira um estudo sobre os trabalhadores. Ninguém vai dizer que é só sobre a Renault. É sobre os trabalhadores. E por que é que eu tenho que ficar, aqui, nessa modéstia exagerada, fazendo estudo de caso? Não tem por que fazer estudo de caso. Os seres humanos são iguais em todo lado. Então, na

verdade, eu estou estudando a natureza humana. E isso eu transmitia muito. E eu acho que essa questão da documentação foi um gesto de humildade, quase que uma coisa... Eu não sei, eu tenho a impressão que pode ter um lado psicanalítico também. Porque a história oral, a história de vida, era forma, também, de eu quebrar um pouco aquela rigidez, um pouco, da coisa agrícola. As pessoas queriam me botar em estudos agrícolas. Eu era chamada para todo lado para debater agricultura brasileira, tudo. Eu digo “não é bem isso. Eu quero chegar mais perto do psicossocial, do...”

C.C. – Sociologia política.

A.C. – Da sociologia política. E eu acho que a base, vamos dizer documental, ela deu uma possibilidade de dizer coisas pertinentes sobre uma realidade que não era bem percebida, eu acho que era percebida de uma maneira distorcida. E muito ideologia, muita coisa, que atrapalhavam um pouco a percepção.

C.C. – Você mencionou ‘*os meus alunos*’. Você era professora a UERJ também, desde 75?

A.C. – A UERJ, foi em 86 que eu entrei.

C.C. – EM 86? Ah...

A.C. – Só em 86.

M.G. – Aspásia, deixa eu fazer uma pergunta. Você falou que se sentiu um pouco isolada aqui, se sentiu um pouco isolada durante um tempo. Qual era a sua relação com esses outros autores das Ciências Sociais do Brasil? E um pouco o papel na criação da ANPOCS, na criação dessa organização.

A.C. – É... Não, então, a ANPOCS, eu fui membro fundadora, junto com Weffort, Fernando Henrique e outros que estavam lá na época. Eu participei desse ato fundador. Eu sempre estive muito militante, muito na... Participando muito. Aliás, nesse tempo todo, uma coisa muito interessante é que eu participei intensamente de todas as discussões sobre redemocratização, sobre a Constituinte, dali a coisa do pacto federativo também, que foi uma invenção minha... Pacto federativo é uma palavra, uma expressão que eu inventei, e que

inventei, como tinha pertinência, colou. Mas na verdade foi um seminário aqui em 91, que eu fiz. Eu me lembro que o Dornelles me deu 3.000 reais para pagar o lanche, ou...sei lá, na época, não sei nem se era 3.000, devia ser 500 reais, sei lá, para pagar um lanche, uma coisa. E foi uma coisa avassaladora, porque tinha... O que é que estavam as pessoas ali? Estavam todos os atores políticos relevantes. Estava o... Estava o Suplicy, estava o... Aquele Amir Cair, que era o secretário da Erundina, de Finanças, em São Paulo, estava o Everardo Maciel, estava o ex-ministro da – como é que se chama isso? Da Defesa Nacional... O gaúcho...

C.C. – Nelson Jobim?

A.C. – Nelson Jobim estava o Dornelles, estava o José Roberto Rodrigues Afonso e o... O gaúcho lá, que foi ministro da Previdência, também, o Antonio Brito.

M.G. – Você já estava na Ebap nessa época? Ou ainda estava aqui? Nem me lembro.

A.C. – Não. Isso aí eu estava... eu fiquei, no momento, criando um fórum interdisciplinar, não sei o quê. Isso foi em 91. Então, na verdade, esse trabalho do CPDOC encerrou-se um pouco, o meu, em 88, quando eu fui para a Secretaria de Cultura do Estado. Que o Wellington me convidou para ser secretária de Cultura. E aí quando eu voltei, eu já fiquei meio ali, meio solta. Houve um episódio um pouco desagradável na história oral, no meio do caminho, com o episódio da Valentina e tudo, que foi uma coisa meio estranha aqui.

C.C. – Valentina foi coordenadora alguns anos.

A.C. – É, foi coordenadora um tempo. E foi uma coisa... Um jogo muito estranho ali. Porque, na verdade, essa coisa...

C.C. – Onde ela está hoje, a Valentina? Nunca mais...

A.C. – Eu não tenho a menor ideia. Menor ideia. Mas aquilo foi um episódio bastante desagradável, que, depois, todo mundo reconheceu que tinha sido um desastre. Porque, eu estava muito cansada, realmente. Porque você imagine você fazer 750 horas de entrevistas e em poucos anos, em quatro, cinco anos assim, foi uma coisa louca. E eu tinha ainda a pesquisa. Então, houve um momento que eu disse: olha, está na hora de renovar, vamos passar a pesquisa aí para... Para dar uma outra... Quando eu concluí esse estudo sobre o golpe e tudo, eu estava

achando que estava na hora de passar. Os meninos estavam tudo crescendo, também já doidos para fazer alguma coisa. Então eu achei isso. E a história oral, depois, houve algumas confusões aí nessa história, mas realmente foi uma enorme quantidade de material que a gente gerou. Com algum peso, porque esse material ficou um pouco desorganizado, por causa, às vezes, de falta de transcrição, tinha momentos que houve menos dinheiro, menos recursos, etc.; mas também porque a gente precisava ter uma documentação de história oral, uma classificação daquilo. Mas eu tinha uma consciência muito clara e meio compulsiva de que as pessoas estavam morrendo. Por exemplo, Cordeiro, foi uma coisa que me traumatizou muito, porque... E na verdade a entrevista com Cordeiro foi até 60, ela não chegou... Tudo que eu capturei da revolução de 64, essas coisas todas, foi através de coisas que ele falou antes; que ele falou fora de ordem, e que eu, depois, consolidei de alguma maneira. E a outra coisa também, que eu acho que eu consagrei um pouco, naquela época, a ideia de que a pergunta é tão importante quanto a resposta. Porque isso não era óbvio. Ninguém gostava disso. Então a gente chamava: diálogos com Cordeiro de Faria, diálogos, diálogos, diálogos. Porque a pergunta não é uma coisa que aborrece o leitor, a pergunta é uma coisa que estimula.

C.C. – Você mencionou a ANPOCS. Você, primeiro, é a secretária adjunta da ANPOCS...

A.C. – Ah, não. Então, a resposta que eu dou a você é o seguinte, é que todo esse momento que eu estou trabalhando essas coisas dos anos 30, 40, etc., 50, eu estou acompanhando a conjuntura nacional. É isso que é importante. Eu estou escrevendo, eu estou participando de fóruns, eu estou debatendo com os atores intelectuais e políticos dos fóruns correspondentes; então em nenhum momento eu parei. É uma coisa inacreditável, o número de mesas-redondas, de debates, de conferências, de coisas que eu dei. Então isso é que... Eu fiquei ali muito, sempre, muito vinculada ao mundo acadêmico. Coisa que eu mantenho na minha atividade política hoje, apesar de já estar esse tempo todo na política parlamentar, vamos dizer assim, eu não deixo, de jeito nenhum, de estar nesses fóruns, de manter a discussão; porque eu acho que é o que me alimenta; são as ideias que você traz do mundo acadêmico que fazem sentido na política.

C.C. – Mas em termos de ênfase, em algum momento, o cientista e o político, você passou a assumir a carreira política como o...

A.C. – Eu não sei. Quer dizer, eu...

C.C. – Como é que você vê isso?

A.C. – Não sei. Porque eu acho que tudo que eu faço é muito... Entendeu? Por exemplo, o que é que eu faço? Eu faço a CPI da Saúde e faço o diagnóstico da saúde no Rio de Janeiro. Ninguém fez isso. É uma coisa... Estão lá os quinze pontos, é só olhar, você vai ver por que é que está errado isso aqui. Então, eu sempre tenho a preocupação do diagnóstico e a preocupação de como resolver, qual é o modelo melhor para resolver. Isso é uma coisa de políticas públicas. Só.

C.C. – Sem dúvida. Agora decisão de seguir uma carreira mais política, isso foi acontecendo? Como é que você interpreta?

A.C. – Foi acontecendo. Porque todos os cargos... Os primeiros cargos que eu tive foram técnicos. Eu fui para a Secretaria de Cultura porque eu estava no Conselho de Cultura, Conselho Estadual de Cultura, aí fui para a Subsecretaria de Cultura. Uma coisa natural. Eu fiquei curiosa, porque tinha uma ligação muito grande com o mundo intelectual, com o mundo cultural por causa do meu marido e tudo, então eu tive essa tentação. E deu certo. Porque eu tinha quase nada, não... Entrei atrasada, já estava tudo loteado lá, assim mesmo eu consegui fazer uma série de coisas importantíssimas, que deixaram fruto, sobretudo teatro e... E mudei a política para o interior... Aí eu senti o... Agora, com a Rio+20, eu sinto a mesma coisa. O que é a Rio+20? A Rio+20 é a Rio 92 em ação. Porque a Rio 92 é uma quantidade de papel. Agenda 21, *pa-pa-pa*, tudo em cima da mesa. Agenda 21 eu fiz. Então, na verdade, eu fiquei sempre como o *go-between*. Eu sou a mensageira, assim, a que vai e vem, que traz daqui para lá e que leva de cá para lá. Isso é impressionante. Primeiro com a cultura, depois com a Ipea, que eu salvei o Ipea da pior crise da sua existência, ele ia acabar, inclusive havia ideia, mesmo, de fechar o Ipea. E o governo do Fernando Henrique só não fechou porque eu reconstituí. E reconstitui dando... Por exemplo, o Winston Fritsch queria 43 DAS para a Fazenda, para poder trabalhar, que afinal de contas era ele o secretário Nacional de Fazenda, e eu queria 83 para salvar o Ipea. Ele não teve nenhum, e eu tive os oitenta e três. Porque eu fiz um jogo político incrível e passei para o Congresso; pedi licença ao Hargreaves, o chefe da Casa Civil, para ir pedir socorro no Congresso, e o Congresso me deu. Escreveram uma carta incrível lá pedindo

coisa. Aí o Hargreaves deu. Oitenta e três DAS. Botei o Ipea de volta no orçamento, consegui 20 milhões de dólares do BID para fazer uma rede Ipea – que não foi feita direito – fiz um fórum sobre Brasil 85, que tudo que o Fernando Henrique fez, quase tudo, foi dito nesse fórum, salvo a ideia da estabilidade com crescimento...com... desculpe, estabilização, com desenvolvimento, que a gente chamou Fixo, e até hoje... O Fixo, eu disse lá, disse: a única maneira de fazer estabilização com desenvolvimento é a poupança interna. As pessoas têm que poupar dinheiro, e não gastar. Está aí. Até hoje, ninguém conseguiu poupar nada, só gasta, gasta, gasta. Então as coisas da saúde, estava o Jatene, as pessoas saíram do meu fórum no Ipea e foram para os ministérios, mas não porque eu tinha uma..., algum tipo de vidência, nada disso, é porque, de fato, eram as pessoas que entendiam do assunto e que tinham o que dizer ali. Então foi isso. Então, o Ipea, órgão técnico. E dei uma estrutura regimental para o Ipea, que ele não tinha. Consegui 500.000 dólares do Banco Mundial para fazer esse debate que eu estou falando a você. E, bom, e aí o Franco Montoro me indicou para ficar como secretária executiva do... eu acho – todo mundo, as pessoas me dizem isso – porque eu era descentralizadora e tinha feito vários debates no Ipea sobre pacto federativo e tudo, e ele ficou apaixonado. Porque eu fiz uma defesa muito apaixonada da experiência dele em São Paulo, que foi uma das coisas mais importantes que o Brasil já viveu. Bom. E aí eu fui para o Ministério do Meio Ambiente. E foi ali, com a Agenda 21, montando a comissão de desenvolvimento sustentável, trazendo as ONGs para dentro do Ministério, para dialogar e ajudar nesse processo, organizando a Rio+5, que foi em Nova Iorque, levantando a bandeira da energia renovável, que por isso eu perdi o cargo. Aí foi ali que o Partido Verde me capturou. E aí, quando você é capturado por um partido, você tem que ter cuidado, porque, se você tiver algum tipo de possibilidade, eles vão querer que você seja candidata. E aí acaba sendo. É natural. Aí... Começou assim: “não, você tem que ser candidata ao Senado”. “Está bom. Candidata ao Senado é uma coisa que vale a pena. Tem a ver comigo”. Mas aí houve outras distorções, outras coisas, que não tem tanta importância aqui.

M.G. – Você falou da sua ligação com o desenvolvimentismo. E agora você falou que foi para o Partido Verde. Como é que as duas coisas se juntam? Uma agenda... (risos)

A.C. – Eu sou desenvolvimentista sustentável. (risos) Eu sou desenvolvimentista sustentável. Escrevi um documento agora, para o Veloso, alentado, sobre isso. Eu acho que o pai do desenvolvimento sustentável é o Celso Furtado e o Prebisch. Porque quando eles

concebem o Conselho de Desenvolvimento eles já estão introjetando ali várias coisas de sustentabilidade. Por exemplo, a tecnologia. Você tem que gerar a tecnologia, senão você vai ter que comprar a tecnologia dos outros. Isso garante a sustentabilidade. O mercado interno: garante a sustentabilidade. Então havia uma preocupação muito grande de ter um tipo de desenvolvimento que não fosse abortado por uma crise internacional ou por um mercado internacional, do qual você é inteiramente dependente quando você vive de *commodities*; como foi o caso do ciclo da cana, o ciclo do café, etc. Então isso é o germe. Só que a grande questão agora, que mudou tudo, é que o capital natural, que era um fator abundante quando os países se desenvolveram, os países hoje desenvolvidos começaram a se desenvolver, e quando nós começamos a nos desenvolver, ninguém pensava no capital. Imagine, o Brasil, um país desse tamanho, você pode cortar a floresta que você tiver, ainda vai sobrar muita floresta. Só que agora não é mais assim, porque, do ponto de vista planetário, esgotou o capital natural. A capacidade de suporte da terra de oferecer o capital natural para o nosso desenvolvimento, para a nossa sobrevivência é, hoje, cinco vezes menor do que ele está dando. Ele não... Nós estamos, simplesmente, destruindo a capacidade de renovação desse capital. Então, você tem que mudar isso, por racionalidade econômica inclusive, não é só porque é eticamente importante preservar as espécies, não sei quê. Não, é uma coisa... E você não sabe, por exemplo, se você extermina as espécies por esses processos conhecidos de ocupação ilimitada do território e por compulsividade de produtos, de produzir e jogar fora, e fazer, etc., tudo isso gera uma situação de... Simplesmente, de incapacidade. Então, o que está em jogo hoje é você botar esse modelo para funcionar, que já tem metodologia para fazer intervenções, por exemplo, em comunidades; comunidades pobres, você... Qualquer comunidade pobre que você oferecer, hoje, para uma experiência, nós sabemos como fazer a experiência para que aquela comunidade fique sustentável. Você vai fazer a vocação, definir identidade, você vai colocar ali um projeto econômico que tenha um modelo de gestão adequado, você tem que ter um fundo de financiamento; e vai gastar muito menos e produzir muito mais, e vai fazer tudo em circuito intercomunicável; o cara não vai gastar água, vai reaproveitar o esgoto como um fator de...enfim, de retroalimentação da agricultura... Você vai conseguir refazer aquilo. Nos grandes, nas comunidades. E a economia de um modo geral, as empresas já estão seguindo esse caminho, que tem que seguir mais. É só você pegar a infraestrutura verde. Por exemplo, hoje, com essas quatro grandes matrizes, que é a energia renovável, o saneamento ambiental, a construção civil verde e o transporte de massa, você abate emissões de gases de efeito estufa

de uma maneira incrível e provoca um *new deal* verde, que é a maior taxa de crescimento que você possa obter numa situação desoladora como essa de crise internacional. Então, na verdade, é a saída para o modelo novo. E, logicamente, há os problemas sociais também, porque você não pode mais sobreviver numa sociedade tão individualista, em que as pessoas não tenham redes, não tenham vínculos, não tenham condições de resolver por si mesmas, dentro das suas redes sociais, os seus problemas. Vai depender tudo do Estado, do dinheiro do Estado? Isso não vai existir, essa possibilidade, jamais. Então por isso que eu estava pensando no Lipset também, que deu sinal de alerta para isso. Então eu acho que é um caminho assim, vamos dizer, foi um caminho natural, que eu cultivo. Por exemplo, esse trabalho com Veloso, eu estou sempre escrevendo, estou sempre refletindo, e muito, ouvindo muito as pessoas, ouvindo sempre, demais, as pessoas que sabem, conhecem, estudam os assuntos que a gente está lidando. E eu acho que a saída é essa. Se vocês quiserem o resumo da ópera, eu acho o seguinte: que o Brasil poderia ir muito melhor se ele soubesse aproveitar o capital humano que ele tem e a reserva de conhecimento que as pessoas podem oferecer, o mundo acadêmico, os pesquisadores, os técnicos, até de governo. Você tem uma quantidade enorme de sabedoria técnico-científica e de experiência que não se usa. E, porque não se usa, estamos na situação em que estamos, com políticas públicas muito aquém das nossas necessidades e muito ineficientes.

C.C. – Muito bem. Poxa, acho que depois do resumo da ópera a gente...

A.C. – Resumo da ópera votem em mim. Eu sou candidata a prefeita. (risos)

C.C. – Agradecer muitíssimo a entrevista. Foi ótima, Aspásia. E você foi juntando e recuperando coisas de toda tua trajetória e formação até hoje.

A.C. – Foi lindo. Foi bom mesmo. Eu senti prazer de estar aqui com vocês.

C.C. – Acho que foi, sim. Imagina. O prazer é todo nosso.

A.C. – Uma coisa nutritiva. Eu saio cheia de proteínas. (risos)

C.C. – Prazer e admiração pelo teu papel, não só aqui no CPDOC. A gente fazer entrevista com a mãe da história oral é...

A.C. – Bom. E eu sou muito grata a vocês, porque isso é uma coisa... É um privilégio. É um privilégio danado ter vocês aqui, tocando esse barco com grandeza, esse centro maravilhoso, lindo.

C.C. – O ano que vem, 40 anos do CPDOC. Vai se preparando.

A.C. – Olha. Eu vou dizer para você. Isso é uma coisa que a gente pensa assim, diz: o que é que é mais importante do que isso? Criar uma instituição dessa e vê-la... E aí é o lado, vamos dizer, é o lado... Esse é o lado bom do Brasil. É os CPDOCs, que a gente consegue construir nessa confusão toda, e que dão certo. Que dão certo. A instituição cresceu, as pessoas inventaram coisas, se expandiram. E é uma coisa assim que... Eu estive na Fiocruz hoje, que é outro monumento do Rio de Janeiro e do Brasil, que pode ter um papel, por exemplo, nessa Rio+20, enorme. Porque você imagine: se nós não tivermos uma economia da saúde, em termos de produção de vacinas, tecnologia hospitalar e coisas que têm uma dinâmica, o Brasil não tem condição, vai importar tudo isso? Quer dizer... Aí você vê aquele monumento, aquele lugar maravilhoso, aquelas pessoas qualificadíssimas, isso é o que pode fazer realmente o Brasil dar um salto de qualidade. Agora tem uma borra política aí, que era bom a gente voltar para essas entrevistas, sabe? Porque a borra diz o seguinte, que nós não conseguimos superar esse modelo. É isso que angustia muito. Na verdade, os militares nos empurraram para um desvão ali, bem intencionado, eu acredito, mas que foi com muitos equívocos, equívocos de – cComo é que chama isso? – dirigismo excessivo, que não precisa mais. Você tem que fazer... Por exemplo, eu soube agora que, na China, quem faz a política de ciência e tecnologia, inclusive de patentes, é a Academia de Ciência da China. Eles dão, o governo dá à Academia de Ciência essa incumbência. E eles dizem: “olha, pelos resultados científicos que nós temos, eu acho que vale a pena testar uma patente aqui, uma coisa ali, nesse assunto, nesse outro”. E propõe. E aquilo é realizado. O investimento é feito. E depois você vai ver o resultado, quantos conseguimos, quantos não conseguimos. Quer dizer, isso é o aproveitamento máxima da inteligência de um país. Então, eu vejo assim, CPDOC, muita coisa boa aí que pode ser feita. Eu sei que vocês estão na linha do conhecimento, dos cursos, também acho isso muito bom, porque esse é um ponto que nós não conseguimos fazer, porque, na época, nós achamos muito arriscado tentar essas duas frentes. Eu não sei se estava correto. Eu nunca defendi essa tese. Era uma tese que a Celina abraçou, e eu também não discordei, não criei nenhum tipo de debate nem de dúvida quanto a isso. Porque... Até por cansaço. Que a gente não sabia que tanto trabalho tinha para

fazer. Mas hoje eu acho que foi um erro. Porque a universidade, ela é fonte de renovação, de estagiários, de pesquisadores, de debate; e isso é muito importante para não cair na burocracia, não cair na... Para ter uma renovação. Então é isso. O curso... Tudo que eu desejo ao CPDOC é muito sucesso aí nessas novas frentes de luta. E é emocionante, viu estar aqui com vocês e pensando nessas coisas...

C.C. – Sendo entrevistada pelo CPDOC.

A.C. – Pensando nessas coisas todas que a gente construiu junto. Vocês foram, desde o início, pessoas muito importantes nesse negócio. E, talvez, o maior legado, que é a formação, mesmo, de quadros de alto nível aí para nossa história, nosso país.

C.C. – Muito obrigado.

[FIM DO DEPOIMENTO]